

JAYME DE MAGALHÃES LIMA

APOSTOLOS
DA TERRA

bibliotheca



COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

—
1906



A ALEGRIA DA TERRA

I

« E' feliz a terra onde o homem mais trigo e herva semeiar e onde os animaes pequenos e os grandes se propagarem mais. »

« O homem que maior alegria traz á terra, é aquelle que mais trigo e herva semeiar ; pois não é alegre a terra que, ha muito inculta, em vez de semeiada, apetece os beneficios da lavoura ».

« Semeia o bem quem semeiar o trigo ; esse faz caminhar e amamenta a religião de Mazda. »

Ahura Mazda, porém, ensinando a Zo-roastro, accrescentou :

— « O homem que trazer a agua para uma terra, até então privada d'esse elemento, e aquelle que a enxugar onde ella,

por excesso, fôr nociva, fez esse uma obra boa e deu á terra uma alegria igual á que lhe deu quem alli semeiou a herba e o trigo. »

Assim cantaram os genios do Oriente; e assim os livros santos o disseram. E até, segundo a tradição que Polybio aponta, os reis da Persia, crentes na verdade revelada pela bocca dos prophetas, confirmaram-na, transpondo-a explicita na regra da existencia; áquelles que houvessem trazido a agua para uma terra, concediam por cinco gerações pleno gozo dos fructos que ella dêsse.

Por este modo, a lei interpretava a inspiração; premiou por justiça o que por amor nasceu da sagrada paixão de fecundar.

II

No Evangelho li, — e fundamente o tenho na lembrança! que, pela lei do Senhor, suprema, indeclinavel, eu havia de amassar o pão com o suor do rosto. Alguem, que por erro d'egoismo viu castigo na traducção terrena do amor, incitou-me a acceitar a lei de Deus como penitencia de peccado antigo, entranhado para sempre em nossas veias. A ventura maior

seria colher os fructos sem fadiga e tudo receber da terra mãe sem lhe darmos nem uma unica baga de suor. O paraíso fôra no logar em que o esforço se desconhecia e jámais ao mesmo tempo terminava a abundancia, de continuo accrescentada tão sómente pelo desejo e vontade de estranha natureza, interminavel na profusão dos bens, disseminados sem exigir qualquer tributo pago pelo homem.

III

Hoje, depois que o persa, nos seus livros santos, me ensinou o dever que aos homens cabe de infundir alegria nas entranhas da terra, abrindo-a ao sol, banhando-a d'aguas vivas e lançando sementes no seu seio, para se erguerem em searas, em fructos e flôres, nos rosaes, nos trigos e nos pomos que dão ao corpo enfermo e dependente o vigor e a doçura; hoje, sei bem que recebia do céu mais uma benção onde sonhava punição cruel, regando com o suor do rosto as leivas negras e aquecendo-as com delgadas gottas miraculosas, — instrumento talvez d'esse mysterio pelo qual se transmite á mudez fria o quente clamor dos corações.

Hoje, já sei que aquella lei soberana não foi castigo, não ! Se por ella á terra nós levamos uma pequenina parte da alegria que da terra nos vem continuamente em jorros infinitos, será restituição de amor a nossa obra ; e onde a luz do amor pôde alcançar, toda a pena se exalta em redempção.

Escravos das fraquezas e das dôres, infiltradas no sangue que ignora como da condição mortal se sóbe aos ceus ! Correi levar á terra essa alegria que ella, serena e mansa e paciente, espera dos seus filhos ; e a terra, a mesma mãe que vos gerou, far-vos-á renascer para vos remir. Então sabereis — oh loucos transviados ! — que nenhum soffrimento prevalece, se a alegria divina de crear penetrou, salvadora, em nosso peito.

DIAS RELIGIOSOS

I

Nos sanctuários e em archivos profanos, onde pela extensão de innumeráveis seculos se vae guardando memoria venerada de quanto foi mais laborioso ao pensamento e de quanto a alma humana concebeu nos seus tremores de fé, eu quiz saber a essencia e fundamento d'aquillo que a tradição antiga interpretou dizendo « religião ».

Como um fluido subtil e ao mesmo tempo de firmeza infinita, duradoura, o symbolo da suprema eternidade, captivava-me o espirito a religião.

Mas era um dominio vago, por mais tenaz que os tempos o mostrassem, passando de geração em geração; era toda a verdade e a maior duvida, mysterio dos mysterios.

Os loucos do saber, os que viveram na fascinação dos mundos e dos céus, interrogando-os para lhes ouvir a confissão dos ultimos segredos e transmittil-a ao vulgo, esses sentiram na religião um vinculo austero. Uniu em perduraveis laços os mortaes, e, assim prisioneiros, os confiou ao soberano reger e á vontade d'altissimo poder, sumula ultima da consubstanciação do cosmos e da alma. Toda a fórma que a materia inconstante realisa, crystal ou arvore, argila, orvalho, ave e reptil, da nebulosa á flôr e da flôr ao homem; o palpitante ethereo onde se criam a treva, o raio, a exaltação da luz, o deslumbrar da côr e a graça do perfume, gelos de morte e fochos redemptores; — todo o tropel dos astros e do espaço acaba sublimado n'um só querer omnipotente da Harmonia.

Ahi reside a essencia religiosa a mais perfeita, poder que « está em nós e não é nosso », ao qual damos morada voluntaria, sendo entretanto escravos submissos do hospede e senhor do nosso ser.

Isto colhi nos livros do passado e na meditação dos genios que, inspirados, des-cerraram aos homens horisontes de crença e claridade.

II

Pesava-me todavia esse destino, portador de desgraça ou de fortuna, não quebrando um só instante a dependencia em que governa e move o universo, para o levar sem erro nem desvio á ordem indestructivel. A consciencia da fatalidade, o dissipar de assomos da energia que, promettendo libertar, termina descobrindo a fraqueza de quem tentou viver sósinho vida propria, esmagam tristemente. E, como tantos outros que seguiram a via dolorosa da humildade, soffri tambem as penas de a alcançar.

Seria a religião guia fiel que por bem-aventurança nos induz em caminho de amor? ... Embora! ... Sob um divino imperio generoso ou sob a furia e escarneo de demonios, no perdão de Jesus e na violencia de Hercules, na jactancia pagã, na miseria budhaica, na simples obediencia a espectros interiores sem misericordia, filhos da nossa alma e seus carrascos, não consentindo um passo sem murmurios da Duvida, do Bem e do Peccado, — na rigidez que o philosopho, o sabio e o sacerdote lhe infundiram, a religião levava ao carcere

triste em que por diferentes modos nos entrega a deuses oppressivos, ou se chore de dôr e desespero, ou, sorrindo á visãõ, nos enalteça a certeza de resgate e largo premio.

III

Quando, porém, cedendo a desenganos, desejei o silencio e adorei a augusta simplicidade, pela qual tantas vezes passei desattento e cego por aspirações doentes do tumulto; quando, erguido de indifferença pervertida, em muito experimentar eu aprendi que a maior gloria humana não compensa a ventura de lançar á terra a semente e vêr nascer a flôr, o pomo e a arvore robusta, por nossas mãos tirados do mysterio onde em sorte precaria se agitava o germen de vida: lucidamente então eu alcancei, subjugado por amor feliz, quanto era mansa e salutar e grata a dependencia, que suspeitei outr'ora no temor, como um juiz severo ou como ainda um executor de maldições eternas.

Em dias religiosos dedicados a profunder a terra para a raiz e a saciar a planta que desponta, se a vi desfallecer á mingua d'aguas; no ermo em que não ouço a multidão, quando abro ao sol as franças

enredadas ou protejo a haste que, vergada pelo tufão, jámais se ergue se um companheiro firme a não ampara; na singela oração d'este lidar, senti com alegria e fé e gratamente os laços que nos prendem á terra, aos céus, aos homens e a todo o ser creado, unidos pela religião no mesmo fim de louvor e belleza e caridade.

Senti e amei os dias religiosos, esses de communhão inteira no pulsar da natureza ingenua! Respirando os alentos da seara e servindo-a como obreiro do Senhor, aquelle antigo espectro do livro dos prophetas dissipou-se em carinhos maternas.

bibRIA

bibRIA

ESCUDO DA LEMBRANÇA

There's rosemary, that's for remembrance.

SHAKSPEARE, *Hamlet*, Acto IV.

Fria e serena, sob o luar nevado, alvo, de jaspe, em que humilhada a treva se defende na depressão profunda da montanha e no refugio de pinhaes sombrios, a noite de janeiro ia seguindo seu giro lento de horas prolongadas. A terra respirava no silencio os mysterios sem fim do seu torpôr.

Vagueando em procura d'algum filtro que me dêsse coragem e fortaleza entre os pavores errantes da mudez, sobre a qual esvoaçam a phantasia incerta e a realidade, saudades meigas, risos d'affeição e aves nocturnas d'arrependimento, a dôr d'agouros máus e a inquietação das acções

que algum dia perturbaram a consciencia eivada de remorso, — quando buscava amparo para a minha alma, passei nas mãos as folhas de poetas, como o crente o rosario d'orações.

E fui encontrar palavras piedosas, evocando aos meus olhos o alecrim, entregue pelo Senhor ás gandaras ásperas :

— « Vem, oh flôr, que tens o aroma doce ! Abriste o calice sobre a fronte sévêra de janeiro ; o teu perfume leve bafejou esses desertos do inverno triste. Nos ramos que eu agora vou formar, oh flôr ! só tu, nenhuma outra eu quero vêr ; e só contigo eu hoje hei-de coroar-me. »

Captivo então do sonho, ao qual me induz a lyra commovida do poeta, renasceu-me em visões aquella imagem cuja belleza reina no bravio, onde ha muito a contemplo com um fervor que a frequencia aviva e jámais cansa.

Essa flôr divina da charneca que, por vontade livre, consentiu em preferir para morada a encosta ingrata, outeiros pedregosos e alcantís, essa harmonia estranha, na qual andam casadas a robustez tenaz d'um luctador e a fragil graça de toda a fórma airosa, escolheu para portador de larga esmola aos famintos d'alimento e suavidade a abelha bem nutrida das suas

seivas. Segundo reza a fama incontestada, tão puro e claro nectar se fabrica onde o alecrim do monte abundar mais, que em Narbona o mël perdia a côr dourada e era branco, apenas por milagre d'essa flôr.

Outros muitos milagres consummou nas terras desoladas que percorre, accudindo a alegrar campos miserrimos, imperios da pobreza, castigados de rispídos tufões e sol ardente. Floresce trez mezes; do mais profundo inverno chega a abril. Os frigidós rigores de dezembro escuro, os primaveris renovos dos salgueiros, as rosas que primeiro desabrocham, violetas, junquillos, bafejos mornos descerrando os gomos, quando na floresta entornam a verdura, e as rajadas que rasgam folhas tenras, — a todos concedeu a mesma benção. Quer sentisse carinhos, quer soffresse as dôres fataes da vida transitoria, soltou a todo o vento o seu perfume.

Ha quanto tempo já ella acompanha os homens sequiosos de consolo!... Guardou tumulos de heroes, antigamente, e, no logar d'incenso, perfumou o templo e a prece religiosa: velou junto aos mortos, protegendo-os com um redemptor alento de doçura. Em Roma, adornou os láres; e, nas festas de Pallas, interveio, purificando-as com suas virtudes. Houve quem

na Renascença acreditasse que a flôr do alecrim conserva a mocidade. Nos campos de Bolonha era sabido que o alecrim inspira as alegrias de quem o leva unido ao proprio corpo, banindo sombras do coração magoado, se este não palpitar o sente ao pé de si. O andaluz ingenuo, ao vêr nos campos o alecrim florido, pelo tempo em que na igreja se lamenta a sagrada paixão do Salvador, sonhou que no Egypto, em desterro, a Virgem Mãe pôz ao sol, a córar, sobre o alecrim, as faixas e os linhos pobres do Menino; e por isso a planta em cada anno lembrava a sua rara sorte venturosa, trazendo rôxas flôres quando entre os homens se recordavam os passos do Calvario.

— « E' para lembrança », dizia a louca Ophelia, dando a Laerte ramos d'alecrim.

Até entre agonias, porventura, se ouviu bem alto o côro que consagra o alecrim do monte aos seus destinos! Pois o povo, no devaneio eterno da poesia que lhe abençôa as penas da sua faina, no tormento brutal do esforço rude para arrancar das rochas os trigaes, o povo ajoelhou tambem perante o alecrim, julgando em falta quem ao enconral-o não sacrifica ao culto dos amores. De bocca em bocca o pae revêla ao filho, e ao serão

a repetem namorados, a lei que no alecrim cumpre guardar :

— « Aquelle que pelo alecrim houver passado e, correndo ligeiro, não colher um pequenino ramo das suas hastes, quebrou fidelidade ! Ingratamente, esqueceu n'esse instante o vivo affecto ao qual jurou guardar constante ardor. »

bibRIA

bibRIA

ENTRE OS ASCETAS DO MONTE

Quando as horas de luz se abreviavam, ao apertar-se proximo o véu do inverno, nos momentos severos em que a terra, em seu torpor avara de delicias, nos incita a meditar attentos no destino como tornando, pela cerração do mundo dos sentidos, mais levantada e rigorosa a voz do peito, — tremores da consciencia, alvoroços do erro e da incerteza, anseios de perfeitissimo viver n'uma plena graça do Senhor, tive saudades das arvores humildes, que no estio vira pelas cumiadas, em tempo brando, propicio ao seu crescer. E visitei-as, para que ainda uma vez de novo me contassem se era desditosa ou feliz a sua sorte.

Ao perpassar de nuvens que agouravam os dias tenebrosos da invernia, vi que no

valle o monte dava abrigo e poupava á violencia o arvoredor, do qual suavemente iam caindo as folhas empallidecidas pelo outomno; e scismei na desgraça injusta que coubera áquellas outras arvores perdidas, sem amparo, pelos cerros inclementes da montanha.

Talvez, porém, fosse devaneio sem causa o meu lamento! Talvez as peregrinas das alturas não invejem os regalos da encosta tão serena; talvez, pelas compensações que a fatalidade sempre dá no seu reger soberano do universo, talvez ellas colham no abandono uma ventura maior que essa vulgar da abundancia e da paz nas terras férteis!

Assim, por uma manhã clara de novembro, querendo dilatadamente profundar a duvida penosa, que tanto me captivava o pensamento, internei-me nas veredas que conduzem aos cimos mais expostos da montanha. E logo, emquanto a vegetação se torna rara e mais escaldada a rocha; emquanto os troncos gradualmente se amesquinham, revelando em cicatrizes bastas a lembrança da lucta sem repouso, espraia-se mais generosa a claridade e uma estranha alegria me avassala. No sereno rasgar das illusões trocadas pela visão e culto do resplendor augusto da harmonia,

reconheci a fortuna e victoria d'essas arvores, corajosos ascetas que preferiram ao luxo facil de frondosas comas a energia constante, abençoada pelos jorros de luz e pelo vento, companheiros leaes de todo o monte, se quiz erguer-se alto.

Confundido perante a magnificencia do altar que ignora a sombra e é o primeiro beijado pela alvorada, ouvi-lhes, aos ascetas, o juramento da fé que os mantém no seu viver de força e de pureza :

— « Vivemos na pobreza, é certo », murmuravam. « Vaidade, orgulho, prodigalidade, todo o tumulto inutil da riqueza, de tudo nos despimos, sómente por mais de perto amar a luz do sol. A opulencia não foi para nós o fructo prohibido, porque desde o nascer a desamámos ; jámais nos induziu a cobiçar-a a tentação de bens superabundantes. A magreza em que nos vês, e onde suppões miseria prolongada e sem remedio, é o alento bastante para adorar os astros que tão de perto nos bafejam. E este confessar de gratidão é tudo quanto eleva a nossa alma e quanto n'este mundo apetece-mos. Se porém o teu peito, transviado por louca piedade, ainda suspeita um sacrificio amargo a austeridade, escuta como canta o rebrilhar das nossas poucas folhas e contempla a

segura firmeza d'estes troncos que uma raiz robusta prende á terra e vendaval algum soube arrancar. Gloria á singeleza illuminada ! »

E em torno as cordilheiras repetiam :
— Gloria á singeleza illuminada !

bibRIA

A ESMOLA DO SENHOR

*The poetry of earth is never dead ;
When all the birds are faint with the hot sun,
And hide in cooling trees, a voice will run
From hedge to hedge about the new-mown mead :
That is the grasshopper's.*

KEATS.

A poesia da terra palpita de continuo ; nunca morre.

Quando, no ardor do sol, todas as aves carecidas de forças se occultarem em arvores que lhes deem a frescura, uma voz correrá de comoro em comoro, junto ao prado ceifado ha pouco tempo : — é da cigarra.

1

Em todo o espaço, em todo o dia, a toda a hora, o Senhor nos envia a sua esmola, para mostrar que nem um só

instante se lhe estancou na alma a caridade, á qual, orando permanentemente, os homens devem louvor interminavel — esmola de belleza ou alimento, a graça do Espirito ou o pão do corpo, mas sempre o zelo inquebrantavel do Pae, omnipotente de bondade.

Nunca, na extensão inteira do globo, duas gotas d'orvalho se irmanaram em tal identidade que exclua uma scentelha, uma irradiação differente em cada gota; nem, semelhantemente, na floresta, no aturado crescer da melhor arvore, brotaram e se expandiram folhas tão iguaes que entre milhões de ramos as encontremos sem um signal qualquer em cada uma, bastante para a podermos distinguir. Scintillam as estrellas toda a noite; e, sem cessar, o brilho cresce e afrouxa e vae mudando, conforme em torno os demais astros volvem. A propria rocha, que em permanencia longa imaginámos perduravel e firme no character, essa mesma varia sem descanso, recebendo da luz diverso aspecto.

No immenso pulsar da criação, na immortal vibração da vida do universo, jámais o movimento, a luz e a fórma produziram a imagem d'uma imagem, a sombra d'uma sombra, coincidindo, per-

feitas, sem desvio ; jámais a ave, o mar, o vento e o peito humano redisseram n'um ecco o grito e o canto ; nunca a aurora raiou como outra aurora ; nunca o sol se escondeu no mesmo véu nem a noite caiu em cerração, tão leve ou tão profunda como fôra em noites já passadas. Nem tão pouco o pensamento, immobilizando-se, deixou rolar o tempo sem soffrer um refluir diverso na ideia, no desejo, em toda a concepção e seus impulsos.

A mutabilidade, sem trair a harmonia, antes mostrando-a, é a lei de quanto pela propria transformação exprime a vida. Sentindo-a, nós veremos, exaltados na santa admiração das obras do Senhor, a prodiga riqueza illimitada que elle espargue em todo o espaço, em todo o dia, a toda a hora.

A morte não existe. Assim como a cigarra vae cantando e, estridula e brilhante, apregoou a força permanente e o vigor, quando a terra abrazada nos pareceu desfallecer em pó inanimado ; assim nos prosta a obra do Senhor, em impetos d'assombro e gratidão, se penetrando o seu designio a descobrimos, n'um brado triste perdido nas alturas, no botão mais singelo da flôr, ou no passar da briza que, vindo a encrespar as aguas tranquillas, lhes ostentou melhor a claridade.

As paginas sem fim do livro augusto e santo que a natureza estampa aos nossos olhos, para ahi contemplarmos commovidos o divino mysterio da belleza, sua intima essencia e sublime aspiração extrema, a esses evangelhos juntaremos ininterrompidamente novas linhas, lembrando e consagrando quanto se nos revela e nos encanta na mais subtil particula d'argila, recolhida ao acaso, sem escolha nem preferencia.

Para os sentidos e para o coração, o thesouro d'enlevo e de delicia que a esmola do Senhor nos amontoa e entrega, cresce sem pausa ou frouxidão, em todo o espaço, em todo o dia, a toda a hora.

bibRIA

II

« Il beato Fra Giovanni Angelico de Fiesole », como o povo chamou ao grande monge que antigamente fez nascer na téla, por suas mãos corada, anjos do paraiso, taes quaes até então ninguem na terra os divisára; esse a que um alto propheta attribuiu virtude e arte « de exprimir na face humana as affeições sagradas como antes d'elle ninguem o havia feito »; não trabalhava sem primeiro ajoelhar, supplicante, pedindo aos poderes do céu a ins-

piração. E, acabada a tarefa, logo voltava a orar, dando graças a Deus por haver sentido as visões de pureza que nos quadros deixou para exemplo, ventura e salvação de quem, cedendo ao genio, o partilhou e segue arrebatado.

Apenas lhe illumine a alma a fé no Espirito que ordena em belleza quanto conhece o sol e os astros vêm, o crente será, no seu labor, tão piedoso como o foi aquelle bemaventurado artista sonhador, feliz vidente dos reinos da gloria entre os claustros. Embora o poder d'arte lhe falleça, o crente quotidianamente orando pedirá que o Senhor lhe mostre a harmonia divina, ininterrompida na humildade e grandeza, nos seres mais pequeninos, encarnada em toda a substancia, na materia fugaz, instavel, sem repouso, a transformar-se, louca d'aspiração, em aneio infinito de crear e na infinita força de realisar. E, orando, o crente ha-de accor dar da contemplação para confundido e grato se elevar em louvores pela esmola concedida.

bibRIA

ALVOR DA ESTRADA

I

A meia encosta, descendo suavemente, vae a estrada que leva aos casaes pobres, acolhidos além, não muito longe, no remanso sonoro dos pinhaes. Dos lados, pelo monte devastado, rara e pequena, uma nova floresta vem rompendo, a vestir outra vez a fraga e o seixo que o lenheiro cruel despiu do manto tecido pelas franças do arvoredó.

D'alli partiram os troncos dilacerados, porventura em missão de piedade, a abrigar a morada de indigentes ou a derramar quentura nos lares frios.

Retardatarios n'esse santo exodo, ficaram no bravio dois irmãos da communiidade numerosa e triste, que foi o pinheiral soberbo e alto. Solitarios ermitas, o tronco

quasi nú, só encimado pelos ramos bem parcos de pujança, os dois vigias, corajosamente, affrontam o desamparo e a vastidão.

Para quê? Quem o sabe?!... Talvez para testemunho de dureza e rebeldia a sonhos indulgentes pela graça mimosa das folhagens!... Talvez, paternalmente, para exemplo d'essas hastes noviças que ainda temem a mordedura fria da geada e o meio dia adusto do estio!... Talvez, por caridade estreme e alto designio, para pharol e guia que ensinasse pousada carinhosa ao viandante, experto em conhecer que onde habitar a arvore habita o homem!...

bibRIA

II

Mas nem as remotas manchas das aldeias, nem as solitarias arvores mais proximas, nem a confusa sombra do tojal escureceram o leito branco e largo do caminho que rasga todo o monte e, seguindo carreira ignorada, desaparece, obscuro, n'uma curva.

Foi n'esse pequenino quadro que aprendi a sagrada união indissolúvel da terra e dos caminhos. Alli senti como ella os manda em apostolado, descobrindo a verdade a

todo o homem e alumando com uma luz serena as multidões frementes de desejos, o visionario defensor do bem, o triste desgarrado na chimera e o peccador prostrado pela culpa.

Eil-o, o caminho, nos desertos vagos, a acompanhar o timido que hesita e não sabe a qual estrella se voltar! — « Vae! » diz-lhe o rasto trilhado pelos homens, a vereda quente ainda do alento d'almas irmãs, ligeiras umas, correndo aos seus prazeres, captivas outras de anjos e de infernos, outras chorando suas agonias, enlouquecidas muitas d'incerteza, muitas contractas no remorso amargo, e o maior numero, — quantas! — illudidas em enganosa de esperanças sorridentes. « Vae sem desanimo, que quem seguiu a estrada com firmeza ha-de encontrar algures repouso e premio. Em toda a estrada existe alvôr piedoso, uma promessa d'agasalho e paz ao que pisar a senda tenazmente. A terra está sulcada de caminhos; no labyrintho da materia cega, entre o cáos das rochas e das aguas, concede-nos o Senhor fios seguros que salvam dos turbilhões mortaes e nos libertam da perdição em trevas. Pergunta, ao proprio peito e ao mundo, á tradição e a Deus, pergunta, cauteloso e humilde, o teu caminho; procura-o,

attenta bem ondê calcares. Todo o mysterio da existência fragil, do perpassar ephemero na forma, assim como a redempção da caducidade pela communhão na consciencia eterna, resumem-se sómente em descobrir o caminho que tens a percorrer. Para defender d'abrólhos o teu corpo, como para livrar da dôr os corações, para nutrir o sangue das tuas veias e para alimentar a luz etherea d'um divino amor, espera do Senhor o teu caminho. Ou queiras entre os homens combater os combates do orgulho, ou queiras, na seducção angelica dos céus, subir aos reinos d'uma perpetua aurora de pureza, sem occaso e sem mancha, tua ventura encerra-se em saber o caminho a que tens de confiar-te ».

A FLOR VENCIDA

I

Um sonhador, ermita da montanha, prescrutando segredos do horisonte plumbeo, mal traçado entre névoa constante, e sabendo pela voz de peregrinos que alli se abria a vastidão dos mares, quiz sentir mais de perto esse mysterio : e abandonou por breves dias a pousada para descer á praia, onde se erguiam as vágas açoitadas pelo vento.

Mas, ao partir, olhando em volta, o coração turvado de saudade, attentou nas flôres silvestres que o cercavam e julgou obra piedosa transportal-as, para dizerem tambem á immensidade aquelles psalmos que por magia transformam a solidão mais aspera em paraíso.

Assim, colheu na sébe inculta a madre-silva, arrancou a bonina dos lenteiros,

juntou-lhes rosmaninho, e, confiado em tão formosa e pura companhia, pôz-se a caminho crendo, firmemente, que ao passar em terra ignorada, fosse qual fosse, avara ou generosa, agitada ou serena, ou rocha ou pó, ou inundada d'agua ou protegida por alva nuvem, fugidia e leve, toda ella se rendia a este imperio dado á flôr na hora em que uma exaltação suprema de harmonia concebeu a existencia fecunda sem peccado.

II

Passou o ermita aldeias bem diversas: as que escolheram cerros e alcantis, as abrigadas pelos valles estreitos onde correm ribeiros e o arvoredo é espesso, verde e rico de folhagens, e ainda muitas outras espreiadas na planura fertil de pascigos, amorosas de largueza e sol e vento que convém ao campo extenso e raso.

Por todas ellas, as flôres cantaram sempre, satisfazendo a sêde em agua doce, ora bebida em limpidos ribeiros, ora trazida pela aragem lenta em movimentos tardos da humanidade.

E d'este modo, viçosas, se abeiraram do mar quando o peregrino, pela primeira vez, subiu a escarpa, e, entre temor e

pasmo, contemplou a bahia glauca e as ondas brancas que minavam o promontorio, desfazendo-lhe em areia os fundamentos.

O ermita pousou então sobre um rochedo nú as flôres silvestres, que pela estrada ouvira a segredar-lhe em seu perfume brando um alto amor; e depois, até tarde, quedou-se alli vencido, absorto, escravizado pelo poder do mar cujo bramir, induzindo-o em severo meditar, inspirava a humildade a mais sentida á alma por desgraça ainda distante do despreendimento inteiro e salvador.

Entretanto, as flôres murcharam sobre a rocha. O mar vencêra a flôr; um halito amargo desfazia o consolo mais doce que na terra um frémito d'amor póde crear.

III

Subindo pela montanha, já recolhe ao seu feliz retiro aquelle ermita que, na sêde de saber, o abandonou para buscar em vão segredos inviolaveis de tormentas onde se afogam, n'uma impotencia igual, vidas frageis d'ambição e de cobiça, o heroismo inutil d'aventuras e a phantasia incerta do poeta.

Não deixou, porém, na praia as flôres murchas; por ultimo carinho une-as ao

peito e vae dar-lhes sepultura lá nos cimos, n'aquella mesma terra de silencio em cujo seio, materno e copioso, ellas beberam o deleite perfumado da sua graça.

Medita a sorte ingrata a que as levou, expondo-as á queimadura da salsugem exalada do mar. No prolongado culto lá dos montes, vendo o orvalho, a aurora e o proprio sol, tão alto e tão brilhante, a adorarem humildes a flôr e a trazer-lhe cada qual a sua offerenda, ora de brilho e côr, ora alimento da seiva deligente no trabalho, julgára o cenobita ingenuo e credulo que a flôr era invencivel e o proprio mar, cedendo a encantos, suspenderia por ella os seus combates, em vez de a ferir de morte sem piedade. Mas, ao vê-la mirrada, considerou que sobre a candidez singela, cruelmente, prevalece no mundo o agitar d'um turbido amargor inexoravel.

E triste, com uma tristeza funda no seu peito, que o não deixa cair n'outra illusão, guardou assim sagrada a flôr vencida, para contemplar alli como se uniram a graça e o martyrio — tal qual entre corações humanos acontece, quando a mais pura alma desfallece, se encontra nos seus vãos as baixezas cujo fél desconhece a piedade, a candura e todo o amor.

CANTARES DAS ONDAS

I

A' hora em que a luz dardeja fulva e não suspeita a mortalha purpurea do occaso, alarguei os meu olhos seduzidos pela incerteza eterna d'essa esphinge cuja energia terrivel não se cansa de transformar a onda em nuvem agil, para logo despenhar em catadupas as ephemeris creações do seu capricho.

Na vastidão banhada de aguas fundas, panejam ancoradas raras vélas, enquanto uma outra, sósinha, vae correndo ligeira ao seu destino. Muito longe, umas sombras mais espessas, parecendo haver lançado ferro no baixio, inflammam em boa esperança a peregrina bafejada na aza pelo vento. Antes que o sol se esconda, ha-de encontrar terras amigas onde durma

segura e sinto perto o calor dos casaes, além sonhados em manchas alvas semeiadas pela negrura.

No céu ha nuvens brancas; e a meus pés os rochedos estreitos, que a seu tempo se afundarão tambem na maré alta.

Eis tudo quanto eu vejo! O mais jaz afogado nos turbilhões sem freio das correntes, ou perdeu-se para o alcance dos sentidos na extensão infinita, avassallada pelas aguas que da propria fluidez tiraram um imperio sem par, força e conquista.

bibRIA

Saudoso de tanta formosura alli ausente, não vendo a montanha, a flôr, a arvore e o campo, encanto dos meus olhos e consolo do peito consagrado aos seus altares, e nem sequer ouvindo a voz humana ou um singelo trinar d'ave amorosa, relembrando os anceios que a despertam, perante o diluvio que ameaça confundir em seu tumulto todo o globo, interoguei as ondas e escutei-lhes a confissão proferida em seus cantares.

E diziam, com a indulgencia de um sorriso jocundo, no qual toda a palavra resul-

tasse em esmaltadas perolas, que fugiam boiando alegremente em multidões :

— « Os homens cujo peito se escurece pelas tormentas vis de vil cobiça, aquelles que para muito possuir cousas mortaes desconhecem a deleitosa e santa communhão n'este viver ingenuo, onde quanto existe, a planta, o insecto, a ave, a pene-dia, a féra, a madrugada, a noite e a tempestade, tudo é creado pelo louvor e graça do Senhor, viram um descontentamente amargo na onda inquieta. Tiveram por quinhão desditoso o d'esses seres que, nos abysmos insondaveis do seu seio, ella precipita inertes ou anima sob formas vagas, pródromos do languissimo pulsar que começa na alga e vae crescendo até ao coração humano, sublimado em amor ardentissimo e em consciencia d'uma missão divina. Mas esses homens, crê, enlouquecidos pela obsessão tenaz do seu penar, ignoram a gloria das ondas. As ondas são a tunica branca dada á terra nas horas em que singelamente quer mostrar a pureza mais limpida e perfeita. De tudo quanto a terra possuiu, foram as aguas o espelho da luz o mais claro ».

Assim, cantando a luz, se erguia a vága, emquanto o sol generoso a foi beijando. Depois, sob o luar, outras viéram, cantando

iguaes cantares ao novo alvor. E, quando inteiramente escureceu, as ondas phosphoresceram em estranho fogo, como querendo repetir á treva aquelle incendio que rasga no oriente a madrugada.

bibRIA

O LETHARGO DA FLORESTA

I

Já amanheceu em toda a serra; acordada a retemperar-se o prado e o monte; os orvalhos despertam scintillando; entre a urze negra, as rochas embranquecem.

E' a hora da oração; pausadamente a entoa o campanario, e toda a natureza em torno a repetiu:

« Bemdita seja a alvorada e a luz da aurora, que das alturas vertem a abundancia! Bemdito seja o astro glorioso que, resplendente, surge, para vencer a noite e a frialdade onde esmorece, atormentado, o animo! Bemdito seja o salvador poderoso que, dardejando a força, por igual aquece o insecto e a ave, o regato, o mar e os lagos espelhados, a seára, o lichen, o cedro e o roble antigo,

a grandeza, a pequenez, a humildade, o orgulho, o peccador e o santo! Bemdita seja a chama do amôr que não escolhe os entes sobre os quaes derrama, descuidado, a unccão da vida! Bemdito seja o sol! Bemdito seja!»

E alarga-se pelo espaço um clamor d'alegria e victoria e gratidão.

A onda vae crescendo. A sombra fôge. Dentro em pouco, n'um vivo coruscar, inflamou-se a terra que a luz beija.

II
bibRIA
Todavia, alli mesmo onde a floresta é mais espessa e, ainda enegrecida de verdura, parece resistir á pallidez que novembro insinua nos choupaes, além dispersos em varzeas e planuras; na depressão profunda das quebradas que o sol não toca, nem no mais erguido ponto da sua rota, a sombra permanece.

Emquanto o inverno dura, dormirá em lethargo a floresta que habita o valle estreito. Em troca da frescura que bebeu, quando no campo estava acceso o fogo com o qual se encerra, findo, o mez de junho, levando á ermida, pelo S. João, a empoeirada nuvem dos romeiros; a flo-

resta baixa soffre agora a frieza, sem esperanza de a quebrar pelo calor que o sol concede á encosta. Em troca d'um repouso que a deixou estender, sem esforço os braços, a curvar-se sob a riqueza facil das folhagens, quando, infelizes, outras combatiam nos cerros, ora a calma, ora o vento e as mil mudanças d'uma atmosphera inquieta sem piedade; em troca dos bafejos de humidade, embebida nos quaes ignorou as luctas e fadigas do arvoredo que por severa missão cobriu a altura; em troca da ventura d'esses dias, dorme seu somno d'um inverno escuro a floresta agora triste e debil, nos apertados carceres do valle.

Por castigo de sombra deleitosa que revestiu de musgos e pervencas a nudez dos rochedos emquanto os mezes quentes decorreram, alongou-se-lhe a escuridão que a tem sujeita a um inverno fechado á claridade. Por penitencia do viço e brilho que ostentou no estio, deu-lhe o Senhor os dias de dezembro sem uma esmola unica de sol!

bibRIA

LUAR D'AGOSTO

I

O luar d'agosto é claro e calmo, unido da frescura que traz a boa nova ao germen ancioso por palpitar, em forma esbelta, á luz do dia.

Sob o luar d'agosto, sonham crescer a semente, a arvore, o prado e todo o campo, despido pela foice dos ceifeiros mas guardando em sagradas profundezas maternas a pujança com que de novo ha-de vestir-se.

Vidas prisioneiras dos ardores em que julho vos trouxe encarceradas, semi-mortas de sede, succumbidas, folgae, abençoe o luar de agosto, recebei os seus humidos alentos; é feliz mensageiro d'outras eras.

Noites adustas de estio, respirando securas no rescaldo do incendio com que

o sol purifica a terra escrava do seu querer incerto, ora fecundo e bom, creando a planta, ora cruel, reduzindo a verdura a pó esteril! Findou vosso imperio transitorio. Deixae, deixae que se entorne livremente o luar d'agosto!

II

Em volta da lagoa, os salgueiraes, os carvalhos, o pinhal e toda a floresta saúdam em doce brilho o luar d'agosto. Illudidos, ingenuos, os de mais fragil haste e os mais robustos, crêem que é um alvorecer de madrugada, e, sem tardar, o sol ha-de apparecer com os tepidos bafijos que entumecem os gomos e os proveem dos succos promptos a desabrochar um dia, — dia de primavera radiante, n'um manto de levissimas folhagens. Ignoram, — oh, santo desvairamento do arvoredo! que ainda reaparece agora a noite escura, e que o luar se alonga em vão sem aquecer.

III

Mas os nenuphares sensiveis e attentos, cerram as corollas brancas. Cautelosos,

não cedem ao engano. Debalde o luar um instante os afagou. Sómente ao sol a sua alma se confessa.

Na humildade que os faz descer onde a agua desce, partilhando entre irmãos igual altura ; servos fieis da limpida superficie em que toda a onda, toda a ambição, todo o desnivel, todo o impulso de subir é breve e ha-de render-se á planura commum, advinharam que a luz do luar é clara e é doce e bella mas é fria, como uma estranha virtude sem amor ou como formosura gelida em que o sangue corresse sem baptismo sacrosanto na quentura d'um exaltado coração.

E crentes, suspeitando insidias e traições, temendo poder cair em apostasia, sob o luar d'agosto, os nenuphares, defendendo da claridade a auréola doirada dos estames, juraram ser fieis á luz do sol.

bibRIA

PROPHETAS DO MYSTERIO

I

N'esse dia de maio tão suave, o sol brilhava quente, e ávidamente sorvia a côr das rosas, desbotando-as. As abelhas zumbiam sobre o pollen, brandindo, n'uma sonora orchestra de labor, a alegria de dilatar a geração. A terra arfava de fecundidade. Toda a atmospherá se movia, como abrazada na fornalha immensa em que os germens explodiam, semeiando myriadas de vidas impellidas a combater por sua aspiração.

Mas, já proximo á tarde, a voz do norte sussurrou fugitiva nas ramagens. As brizas das lagunas, accordando, soltaram tenues sombras inconstantes.

E moderou-se o canto de gloria; e todo o fulgor entrou a esmorecer.

II

Cerrou-se a névoa. A terra, silenciosa, escureceu; transviada da róta luminosa, vóga perdida em espaços alvacentos. Calaram-se os murmúrios dos insectos; parou na faina a abelha entorpecida. As rosas afogaram-se em orvalhos, dissipada na profundez opaca a cõr ardente e pallida das suas petalas. Toda a esculptura firme dos rochedos, que ao meio dia corta o firmamento, — uma esphinge gravada na saphira, a viva aresta aguda da penedia tremeu; e, flacida e diluida, apenas lembra o sonho de phantasmas vagueiando.

Não teem limite a terra, o céu e as aguas; os olhos mal alcançam descobrir n'um instante a linha firme, e logo ella se turva e desaparece, partida e arrastada em turbilhões.

E entre a dissolução de todo o ser immovel, definido, o longiquo bater das ondas roucas communicava e impunha, irreductivel, a affirmação d'um genio poderoso, o aneio terrivel de viver.

Ouvindo-o, recupera energia o coração. Lentamente, renasce uma promessa de

contemplar de novo aquellas formas, filhas da luz e do seu brilho e afago, que a humidade do norte tinha occultas, amortecendo-as sob véus estreitos.

III

Prophetas do mysterio, talvez summa verdade, a onda, a sombra e a névoa!... Quem sabe onde melhor se louva e guarda e realisa a divina vontade do Senhor, ao agitar a vida no universo?!... E' no cristal, no cedro e na violeta, no contorno e resplendor da belleza clara, limitada? Ou é no converter da fixidez em nuvem errante e de todo o fulgir em indeciso alvor? Seria illusão, engano, acreditar que o mundo, o revelar da aspiração, é formosura delineada na materia palpavel, permanente, e não é antes o cantar das vagas, repassando as construcções precarias da neblina?...

Aturdido, na vertigem d'aspectos successivos que ora modelam formas deslumbrantes, ora as desfazem em fumos desmaiados, procura em vão o espirito decifrar o desejo continuo e final da ordem cosmica.

Medita, attenta, interroga, escuta. E, se julgou surprehendel-o na flôr, no roble e na escarpa de granito, a onda, a sombra e névoa vacillantes turvaram-lhe a visão. Missionando, prophetas do mysterio revestidos de tremulas roupagens, serenamente vem a apregoar uma alma de incerteza.

Os homens, se os sentiram, quedaram-se hesitantes.

— Mysterio! repetiram com os apóstolos.

E das imagens que apenas se esboçaram, só fica em rasto a frouxa claridade e toda a inconstancia d'um scismar sem fim.

bibRIA

FLORES DE INDULGENCIA

I

Floriu todo o inverno a madresilva que por fortuna minha se prendeu á varanda onde scismo e me retardo no devaneio querido da minha alma; alli, onde em silencio commovido descubro confiado o meu sentir, e do contentamento e dôr eu nada guardo para o dizer sem enleio á vastidão, ás aguas, ás montanhas e aos campos, e á obscura floresta mysteriosa, alli n'esse logar para mim sagrado pela oração ardente, floriu todo o inverno a madresilva.

Tardes d'outomno e seus poentes brandos, melancolicos dias de novembro; o vendaval atroz, os gelos de janeiro, destructivos, e as incertezas proprias do momento em que a terra advinha a

primavera; os céus fulgentes d'uma aurora rubra, raiando sobre neve cristallina; os negrumes da nuvem que, passando veloz, vae dissolver-se em aguas copiosas; a quietação velada da neblina; a primeira violeta dos regatos, o alecrim cantando alegremente, pelos roxos clarins das suas hastes, quando a aragem cortante entorpeceu os irmãos corajosos que com elle partilham a devoção da aspereza e do bravio, as mimosas douradas e o junquillo, — todo esse transmudar da estação rude, desde o nascer até que se despede, a madresilva viu florindo sempre.

bibRIA

II

Emquanto o inverno impera e tem sujeito á vontade inclemente o vivo impulso das seivas anciosas por abril, para renovar verdura na campina e desfolhar as rosas que precoces se aventurem á luz e aos orvalhos; enquanto dura o tempo de repouso, a madresilva, por condição da especie, deveria, cerrados os botões e os braços nús, viver os tranquillos dias de pobreza que o rigor d'esses mezes determina.

Tal era a lei geral do seu destino. E cumpriam-n'a ao redor as companheiras, humildes e fieis, prohibidas do viço, pacientes, á espera que um bafejo morno lh'o conceda de novo, quando ao sol aprouver subir mais alto.

Sómente a madresilva da varanda, sem quebra das suas graças as mantinha, e, enriquecida de flores e folhas, estava em falta á regra, inexoravel para as demais.

A flôr da madresilva não foi, porém, durante o inverno como fôra entre as calmas de junho. Branca e rasgada então, d'uma alvura sadia, arauto de triumphos amorosos, era corada agora, na face exposta ao vento; e, na face interior, a brancura desfez-se em pallidez, tal qual o leite em vasos de marfim. Conche-gando-se unidos os estames, tão arrojados, soltos, no estio, não deixavam agora o purissimo seio da morada, e nem subiram a affrontar o luar frio e as brizas rege-ladas.

Mal se descerra a flôr; os labios entreabertos não deixam de tocar-se leve-mente, como tremula bocca carinhosa não ousando dizer quanto lhe inspira o generoso affecto d'uma alma, por suspeita talvez d'ignorar palavras que o traduzam tão perfeito, ou antes por temer profana-

ção, se o descobrir, exposto á blasphemia d'um outro mundo, adverso e estranho áquelle de pureza em que se gera a luz do coração.

Mas nem por se ter visto recatada decahiu da grandeza, emudecendo, a flôr de madresilva. O seu perfumado halito rediz, n'um murmúrio incessante de paixão, o poema d'amôr que outr'ora disse quando julho abrazado a produziu.

III

Meditei no milagre que mandou a flôr da madresilva a acompanhar-me pelos desolados trilhos do inverno. E tentei vêr na desusada benção qual seria a vontade do Senhor.

Capricho não, que toda a natureza lamenta e ri e louva e esmorece e exalta, mas jámais se desvaira sem destino. Se a flôr da doçura me seguiu no momento em que a terra me abandona á mais ingrata aspereza, quiz o Senhor mostrar-me n'esta graça que não ha desventura sem indulgencia.

Desalentados que sentís, chorando, a mágoa d'uma eterna imperfeição! Condemnados vencidos dos anceios de dominio,

de força e santidade! Quem succumbiu por culpas e remorso! Quem se julgou caído em maldição!... Erguei-vos para a indulgencia que o Senhor em toda a estação concede a quem o vê. Florida, beija a neve a madresilva; não ha vida prostrada ou agonia á qual o Senhor não mande o seu perdão.

bibRIA

bibRIA

A FLOR VIUVA

I

Ia acabando março em dias mornos, a alvoroçar as seivas que, exaltadas, lançavam pelos ares nuvens de pollen. Do pinheiral mais alto ás urzes brancas, floridas no sulco da charneca, ainda ha pouco banhado, a trasbordar, pelas correntes turvas da invernia; desde o gracil narciso das encostas até á flôr azul do valle obscuro, essa que em tantas linguas disse: — « Não me esqueças », fidelissamente interpretando o coração oppresso de saudade: — pelos mundos da vida palpitante esvoaçava o pollen; e, pousando e beijando, alimentava um sublime arfar d'amor fecundo.

Era claro o sol ao meio dia; mas logo após turvou-se, sob agouros precursores

da tempestade. E, antes que totalmente a noite se cerrasse, cahia sobre os campos a agua pura, liquifeita onde só as aves passam e as podridões da terra não alcançam.

Quando vinha rompendo a madrugada, abrandou a tormenta. Rompeu a aurora em céu claro e amplo, sem qualquer leve signal de agitação.

Um côro de delicia respondeu ao renascer da luz. Os ribeiros cantaram mais alegres. Saciada a pastagem, promettia alongar a abundancia para o rebanho. As sebes, remoçadas na frescura, pareciam ter vestido outras folhagens para comungar no riso que as envolve ou para merecer as gotas que as enfeitam, convertidas em bastos diamantes pelo raiar sem mancha do oriente.

Mas os turbilhões do pollen jaziam na babugem dos rios. Onde as aguas correram, pelo chão que tocaram, a impregnal-o ou descendo a confundir-se nos caudaes, ficou como um véu loiro, sulfurino, tecido das myriadas do pollen, castos bandos d'esposos que o destino — se amargo ou doce, ninguem já mais o soube! — prostrou inanimados, sem lhes dar a flôr que procuravam.

Rematou deste modo esse delirio, em que debalde o pollen aspirou a crear a

semente geradora e o fructo bom, sustento tão querido das aves, dos insectos e dos homens, de todo o sangue enfim.

II

Ficou viuva a flôr, ella que tambem sonhava na candura dilatar o seu calice, transformando-o em pomo que na hora propria derramasse os sucos perfumados, salutar refrigerio e energia para o corpo cansado e enfraquecido.

Embora ! A graça da flôr não desmaiou. Nem por haver perdido na torrente o pollen que um séstro máu lhe arrebatou ; nem por subitamente enviuvar do companheiro, sem o qual será esteril ; nem por morrer assim n'essa desgraça cantou mais baixo aó despontar da aurora. O seu aroma é igual ; igual a fórmula airosa ; igual a emanação de belleza summa. Soltando-se da haste sem trazer a semente no calice mirrado em precoce murchar, ha-de, juncada a terra de côres vivas, incensar ao redor vastas campinas, exalando alegrias na mortalha.

III

Nas folhas infinitas d'esse livro em que, hora a hora, a terra te dirá todo o mysterio salvador dos homens, se aprenderam nas leis das estações a conformidade santa e inexgotavel, vê bem para teu exemplo, oh peregrino ! como foi perfumada e linda a flôr viuva.

Teus sonhos creadores talvez se extinguam, levados nas torrentes do destino ! . . . Mas, se ao dissipar-se elles exalam alento tão suave como foi o da flôr desfeita sob as aguas da propria primavera traçoeira ; se, por fortuna alheia e teu consolo, orando, em devaneio, transmittiste a indulgencia, a ternura e o bem querer, o aneio da alma enamorada d'uma visão angelica ; ainda é fecundo o rasto dos teus passos, embora a tua fórmula haja perecido sem geração que a venha renovar aos olhos dos sentidos.

Pois jámais será esteril sobre a terra quem semeiar perfumes no caminho, quer se exalte em glorias e ventura, quer a fatalidade o obrigue a morrer cedo, cor-tando em meio o tempo da jornada.

CREPUSCULO D'ABRIL

I

Aquella mulher que um dia eu encontrei, n'uma tarde de junho enxuta e calma, a ceifar a seára já madura, vi-a hoje outra vez afadigada, a apropriar a leiva escura e lenta para produzir o milharal sadio.

Erguia então um hymno de louvor, considerando a pavêa exuberante, cujo pezo nas mãos experimentava; dizia á terra, mãe de misericordia, piedosas palavras commovidas, nas quaes quiz, confundida, agradecer a abundancia que lhe entrava no casal.

Agora, serve aquella mesma mãe, entre o temor e a esperanza de merecer a esmola d'outros fructos que a preservem de soffrer indigencia. Deligente e serena,

pulverisa a gleba endurecida, para que largamente a alentem e banhem o orvalho, a névoa, a chuva, o sol e as brizas quentes, toda a torrente lucida e subtil onde na eterna aspiração resurgem e vivem os mysterios do céu, infatigavel em mudar de feição para ser fecundo.

— « Senhor ! » exclamou no estio essa ceifeira, « Bemdito sejas ! Toda a minha alma exulta em grauidão porque, generoso e bom, me alimentaste e déste pão aos filhos que estremeço ».

— « Senhor ! » diz ella agora humildemente, ao preparar o chão para a seára, « Consenti que esta terra, vossa filha, obediente espelho da vontade que rege os mundos e os mantém no amôr, consenti que ella accete os meus suores e os retribua, concedendo sustento no meu lar a quem ao seu calor fôr confiado, ou seja caminheiro mendigando, ou nascesse alli mesmo e se creasse sob constante affecto paternal ».

II

A tarde esmoreceu. O poente vermelho desbotou banhado em pallidez crepuscular. Em breve será noite.

O lavrador apressa o jugo ; ha-de voltar a casa, tendo finda a tarefa que talhou para aquelle dia. A ceifeira d'outr'ora vae na frente, a conduzir o gado, para que elle sem desvio leve a grade no sulco onde é mistér cobrir a semente.

Vém junto ao comoro. E' o lanço derradeiro. Os bois arquejam, retezando os músculos e resfolgando poderosamente, n'um esforço de heroica mansidão. A ceifeira precede-os em igual ancia.

— E' noite ! E' noite ! murmurou o obreiro, temendo não vêr prompta a sua obra.

III bibRIA

Em cima, no caminho bem ensombrado, que é o remate do campo e o liga á aldeia, entre carvalhos altos e loureiros, ouviu-se, enchendo o peito, um rouxinol.

A sua voz vibrou larga e sonora. Lá do ninho d'amôr que está guardando, cantou a luz quebrada vespertina e saudou a hora querida de silencio.

Ouviu-o o campo raso enegrecido pelo passar recente da charrua. Ouviu-o o fio d'agua que se perde nos corrêgos estreitos, emquanto a seára o deixa correr livre e não o atráe, sequiosa, a absorvel-o.

Ouviu-o ao longe a gandara pedregosa e o pinhal que a invade, pouco a pouco, erguido aqui e além pelo horisonte.

IV

Não o escuta porém o lavrador, nem a serva que na faina lhe ministra auxílio sem limite. De novo anima o jugo e a companheira.

— E' tarde! E' tarde! repetiu severo, na obsessão d'escravo que receia desmerecer a graça do seu amo.

— Louvae, oh meus irmãos, louvae a noite! responde descuidadamente o rouxinol.

V

No ecco d'essas vozes confundidas, as que incitavam ás fadigas asperas e as que a modular delicias se alongavam, entre os córos diversos, dissonantes, um instante sonhei contradicção. Mas, attentando bem, vim a sentir-lhes harmonia perfeita.

Mourejando ou cantando, o lavrador e a ave ambos offerecem o sacrificio inteiro do seu sangue ao labor gigantesco de crear, religião suprema do universo.

EM ERRO E CULPA

I

Tão prolongadamente vi florir a madre-silva, eleita em meus affectos, que julguei respirar perpetuamente seu doce enlevo vivificador.

Nos mezes de mudez e cerração, no correr mais sombrio do inverno, encontrei-a em flôr. Ainda longe, distante da morada, em que um feliz destino nos juntou, já me envolvia o halito de amor emanado do seio onde se gera em pureza infinita.

Quando porém foi menos fria a briza, ao sentir os affagos do calor, que ia abrindo narcisos na montanha e lirios brancos todos aljofarados, a madresilva libertou seus braços. Vigorosos, soltaram-se rompendo dos botões, em que ella os

teve prisioneiros para os nutrir, enquanto a neve impera e, implacavel, castiga qualquer sonho de renovos tenros e vergontas frageis.

A primavera accorda aspirações ; cedeu ao novo genio a madresilva. Da velha haste endurecida e firme, tenaz no seu enleio e tão segura, embora os insensatos creiam que é voluvel e nos largos erros do crescimento apenas vae movida por capricho, ergueram-se delicados ramos em espiral.

Eram muitos, um bando ousado e amigo, em que se viam pares entrelacados, buscando na alliança aquella força á qual só de per si nenhum chegava.

Unidos todos n'uma crença igual, na mesma fé e esperanza de crear, como filhos leaes e bons irmãos, cobriam de verdura a haste materna e subiram, em perfeita gentileza, a repetir o canto que ella disse nos tempos juvenis do seu viver.

II

Calou-se a flôr do inverno. Entre as ondas em que a nova geração impetuosamente vinha a conquistar na terra o seu logar, afogou-se ; e, occulta, esmoreceu.

Tristemente, chorei-a. Passei pela madresilva e em vão a olhei, em dias de saudade, a pedir-lhe o alento da flôr, onde aspirava a graça e o alimento de que foi generosa para mim no sinistro bramir das tempestades.

Em vão!... Em vão!... Bebem-lhe os ramos novos toda a seiva. Uma alma de alegria e de triumpho, a ambição de expandir-se e dominar, seccára aquella fonte de perfume que de continuo dava ao viandante coragem de proseguir no valle de lagrimas, compensando-o de mágoas.

III bibRIA

Serenamente, em hora de energia, voltei porém a vêr a madresilva, tendo jurado antes fiel observancia d'essa lei que nos manda acceitar a vontade do Senhor. Ou me ungissem d'incenso ou me negassem, avára, a graça da flôr, reservando a seiva para se alargar, crescer e ser fecunda e bella e grande e gloriosa, dilatando o seu reino, — a todo o seu querer eu sorriria, fosse qual fosse, indulgente ou rebelde aos meus desejos.

E resurgindo do abatimento, erguendo então os olhos, pude vêr, entre os ramos

subidos, flôres brancas, que debalde largo tempo procurei nas hastes inferiores menos felizes, arrastadas, tocando na poeira.

Não fôra esquiva a planta; foram os meus olhos que não souberam descobrir a flôr onde ella estava, por certo mal guiados ou perdidos n'uma obsessão sombria de avidez.

IV

Quantos erros iguaes tive na vida!... Quantas vezes cahi em igual tristeza, por não encontrar flôres junto ao chão negro, em lugar de as procurar onde o sol brilha!... Quantas vezes julguei o mundo adverso porque o meu proprio egoismo o estreitava, vendando-me o horisonte amplo e claro!... Quanta amargura assim tenho soffrido, quando a alegria estava alli bem perto, se, erguendo á luz os olhos, contemplassse as vastidões sem fim do amôr humano!... Ai! quanta culpa!...

A FLOR ARDENTE

I

Quando no florir de maio eu vi as rosas, captando em calices de rubi e topazio a essencia luminosa do arco-iris, julguei que todo o genio da flôr se revelava então plenamente, — nebulosa tentada a condensar-se, tão leve e diamentina como o halito da aurora mais claro, e ao mesmo tempo orgiaca, abundante, embebida de filtros capitosos, ebria do proprio aroma e soltando, em redor, torrentes de delirio.

Seria a flôr bacchante arrependida que, no desgosto da opulencia e turbação congenitas, suspirasse pela abstinencia casta de vestaes, pela depuração do corpo envenenado em latejar escuro de cobiças. Seria o aneio d'um tumulto vil pelo resgate em candidez celeste, a

transicção do peccado á graça, realisada sem corromper nem ferir a homogeneidade da substancia unica na qual se opera e que assim é, por igual, caduca e inalteravel, perezivel pela pujança e pela fecundidade, e eterna, na gloria e na belleza, por essa emanação de suavidade, espirito do Senhor e seu apostolo, derramado infinitamente no universo.

D'este modo, a flôr, se muito appetecia arrebatarse na incendiada calma primavera, que S. João cantou nos seus brazeiros, não menos se encantava na ternura de sombras moderadas e fagueiras e na atmospherá branda, saciada em arroyos temperados da floresta.

Fóra d'esse ambiente, onde irmãmente bebe audacia e timidez, repouso e exaltação, carinho e crueldade, sem qualquer das duas fontes, que a alimentam e constituem a dualidade propria da sua alma, a flôr murcharia, e, em desalento, dissipava na morte a fortaleza.

Eis quanto me revelaram as flôres de maio.

II

Mas em julho, entregue o campo ás horas estivaes e desolado pela pulverisa-

ção adusta da gleba, quando o correr do vento requeimado avidamente sorve dos ribeiros a frescura, que repassava o prado e era a alegria de vergeis e de pomos rubicundos, o heliantho ergueu-se alto na haste e confessou solemne as ambições.

Segundo é tradição, idolatra do sol, sereno, extatico, na gravitação dos mundos só elege para seu deus e culto o esplendor, fitando-o, deslumbrado, seguindo-o em toda a orbita, desde o nascer primeiro á queda derradeira em que se apaga, e conformando até a propria fórma, o circulo radiante, com a imagem do astro que o hallucina. Não teve outra paixão, além d'esta, soberana, omnipotente, laço robusto que lhe guia o movimento e o une á vida, modo e razão suprema do seu ser.

Ha pois flôres que deixam a ternura, para sómente adorar as energias d'aquelle cuja existencia é o fogo permanente. A côr leitosa e mansa que assistiu ao desfazer de doces madresilvas, depois de insinuar na seiva de cilindras a pallidez divina das suas petalas, essa tinta em que o ouro subtilissimo era apenas lembrança de riquezas, perdidas abdicando no dominio de humildade, d'affecto e singeleza, recuperou toda a força candente no heliantho. Fulvo, como tirado d'um cadinho rubro,

respira ardor e espalha-o, difundindo-o em toda a vastidão que o reflexo alcança.

Ao sentil-o, contei mais um mysterio entre aquell'outros muitos, infinitos, que os apóstolos da terra annunciaram.

Scismando, perguntei :

— Qual é mais pura e santa, a flôr mimosa ou a flôr ardente, corajosa ? Qual mereceu a preferencia do Senhor ? Essa que na primavera desabrocha, e magoada e debil succumbiu n'um sonho ao suspeitar durezas do calor ou privações d'orvalhos e d'abrigos ? Ou aquella que consumida em chamas lhes sorri e, em vez de esmorecer inanimada, acceita e quer, como benção divina, o holocausto ?

E em celestes visões eu vi juntar-se o heliantho e a rosa confundidos, respondendo á incerteza do meu peito :

— Em ternura ou ardor, ambas amaram !

HORAS DE BRANDURA

I

Ao fim de muitos dias de negrume, em que o vento do sul, sem afrouxar, trazia a nuvem densa da qual solta dilúvios bemfazejos da campina, rasgou-se um clarão vermelho no oriente. Accordou o sol; e, livre de inimigos, no esplendor, ergueu-se e caminhou. Sereno e lento, em magestade olympica, baniu da sua rota toda a sombra.

A terra inteira estremeceu de júbilo. A vibração fecunda do calor propagou-se nos céus; e a terra, que vivia em desalento, sob fria humidade prolongada, recuperou sorrisos de ventura.

Illuminaram-se, puras e brilhantes, gotas suspensas dos carvalhos nús, despídos pelo vendaval que pôz em fuga, como o bando

das aves perseguidas, as folhas seccas pelas neves brancas, lavadas ao luar gélido e brando d'uma calada noite de dezembro. As hervagens do prado sacudiram os orvalhos pesados e oppressivos. As lanças dos centeios despontaram, vencida a prostração da haste mimosa, que a invernia prendera derrubada. E até o ribeiro, que, nutrido de chuvas abundantes, soffreu talvez as illusões de ephemera soberba, sonhando, o pobresito! com a força impetuosa das correntes, até o ribeiro canta mais sonoro na limpidez serena d'este dia, em que o sol confundiu na sua gloria o turbido bramir da tempestade.

bibRIA

II

Mas passou breve a hora de alegria. Enlanguidece o côro de louvores. Sobre o mar espalhou-se um véu sombrio. Juncou-se de violetas o poente. E a terra que, ainda ha pouco sob o fogo, accendêra seus fachos nas devezas, nas serras e nos campos, sobre as aguas do mar e sobre as rochas onde transbordam taças pequeninas, irisiadas de crystaes sem numero, — a terra veste agora um novo manto, alvacento e cerrado, impenetravel.

O movimento, a côr e a fórma, quanto aos olhos humanos definiu, limitando-o, o mundo que os sentidos alcançaram, tudo rapidamente se occultou n'uma indecisão vága e caotica. O dia alumiado de dezembro esvaiu-se afogado em neblina, errando mansamente sobre os lares, no devaneio d'um incerto affecto.

Deixou na terra um rasto suavissimo. A noite, que em religiosa calma se cerrou, foi no seu melancolico silencio uma oração ardente de saudade das horas de consolo salutar, trazidas aos mortaes reanimados por um sol peregrino de dezembro.

III bibRIA

Algum tempo julguei — pésa-me a culpa! — que o gelo, a escuridão, a tempestade, divindades cruéis que o inverno alenta, eram duros castigos do Senhor ou provações amargas, em que dava desenganos d'orgulho aos illudidos pelo vigor de forças perciveis. Para que afrouxe o sangue que nós crêmos indomito e invencível no impulso, capaz de conquistar perpetuamente, bastaria que os astros caprichassem em ter velado o rosto longos dias.

Mas, contemplando a abençoada luz tranquilla e tépida, que interrompeu os dias de negrume, suspeitei erro na visão d'outr'ora, em que tinha por pena a tempestade. Pois, se o Senhor quizesse magoar-nos e julgar sem perdão nossa fraqueza, não nos traria horas de brandura, cortando os dias negros de dezembro com clarões de piedade e affago.

Sempre se alternam bençãos e castigos; aos momentos d'aspereza sobrevém os mais felizes dias de doçura. E' a lei divina que o amor mantém.

bibRIA

IRMÃ DO MAR

I

Ainda tingem a terra as manchas negras que restam das fogueiras consagradas a S. João, patrono dos amores e ferido, enamorado elle tambem, dos fogos sideraes e extremo ardor.

Para os seres que o sol rége em seu dominio, entra o tempo de fainas estivaes. Amadurece o pão; murcha a planta. Os homens que, folgando, se entregaram á vertigem do astro no zenith, vêm serenos vibrar as foices curvas para segar os trigos opulentos.

Entardecer claro e rumoroso! Lenta-mente, a luz fóge em esplendor. Leve briza do norte mitigou as calmas ener- vantes, que prostraram os obreiros em sésta repousada, quando desceu da igreja

o meio dia e accordou preces que o bronze ordena, poderoso e manso como um deus magnificente.

Ha nas seáras córos de canções. Curvadas pela aragem com que o mar tanta vez as saudou e lhes deu alma, transmittindo vibração aos frageis colmos, murmuram no aneio repetido de quem procura a paz e a não alcança.

E' o psalmo derradeiro. A vida do trival vae terminar.

Foi rico de belleza na verdura; e será generoso no legado, renovando a energia dos mortaes que á sua esmola houverem recorrido. A creança e a ave, o moço e o velho, a encarnação da graça e da pujança, assim como a tenue sombra de quem morre, — a todos o trival concederá a fortaleza onde se alimenta o vôo e o crescimento, o esforço mais rijo do trabalho e o mais suave amôr d'um coração.

Propheta e santo, como o Galileu d'outr'ora, vae morrer para resgatar de dôres a humanidade.

E' a sua hora.

Ceifeiro!... Espera, escuta! Deixa-o cantar a ultima canção que o mar lhe inspira sob a briza leve.

II

Os ceifeiros quedaram-se hesitantes.

Por ventura, relembrando culpas, temendo não merecer toda a abundancia que o Senhor lhes creou na terra amiga, dizem baixo orações em que infundiram a sua gratidão vága e constricta!... Talvez saudosos d'essa voz que, agora, sem piedade, o ferro vae calar!... Talvez sómente confundidos, fracos, ao sentir o mysterio tão de perto!...

Em silencio, meditam:

— « E' irmã do mar a seara; e a onda um patrimonio commum dos dois irmãos. Ambos amaram o vento e receberam, por signal do affecto inviolado, esse alento sem fim da aspiração que os gemidos constantes traduziram. Ou seja um brado rouco de tortura, herculeo desespero d'um gigante, sujeito sem resgate ao captiveiro, nos limites do reino concedido ás aguas agitadas, que jámais alcançarão transpôr as suas praias; ou seja um mover brando, interminavel, que affrouxa e volta sem perder doçura, affago maternal, berço embalado com um carinho estreme; ou seja d'esmeralda ou de topazio: a onda

é igual no mar e na seára, seja qual fôr seu modo. Repellidas na praia pelas rochas, que as lançaram de novo á immensidade, ou servindo a gleba, acorrentadas onde as raizes firmes desenganam d'esses sonhos d'um vôo mal tentado e logo, em breve, esmorecido e findo, as ondas da seára e as do mar obedecem ao vento, despertando á mais ligeira sombra d'uma nuvem, e morrem escravas do poder da terra que duramente as vinculou ao seio.

« Vivem assim as ondas : entre os céus que promettem no vento liberdade e lhes inspiram ethereos devaneios de subir, o desejo da altura illuminada ; e entre a terra cruel que, recordando a phantasia louca de chimeras, as manda rastejar humildemente pelas sendas vulgares onde se encontra quanto ha de ephemero, escuro e dependente.

« Mysterio !... E' bem salgado o mar e a seára é doce. Encerra o trigo a esperanza de crescer, o latejar do sangue e do calor que alimenta a belleza a mais gracil e a consciencia austera e redemptora na profunda expressão do seu poder. E' corrosivo o mar e, destruindo, nem ás pedras perdoa, desunindo a liga crystallina que se fez na pureza sublimada d'altos fôgos. E vivem ambos, a

seára e o mar, na eterna agitação do seu aneio!...

« Quem sabe?!... Talvez sofram ou se exaltem no delirio d'um mesmo amôr, sagrado por destino de quem sem erro guia os sóes e o mundo no triumpho divino da Harmonia ».

Em silencio, os segadores curvaram-se a ceifar, por sua vez involtos no mysterio que deu á seára e ao mar ondas sem fim. E a seára calou-se.

Accordará, quando o sol renascer para a brandura e ella poder voltar a ser fecunda.

bibRIA

bibRIA

O CONSELHO DA ESPOSA

The wise man knows his master. Less or more wise, he perceives lower or higher masters ; but always some creature larger than himself, — some law holier than his own . . . Obey something ; and you will have a chance some day of finding out what is best to obey. But if you begin by obeying nothing, you will end by obeying Beelzebub and all his seven invited friends.

RUSKIN.

O homem de discernimento conhece o seu senhor. Mais ou menos capaz de distinguir, percebe senhores mais baixos ou mais altos ; mas sempre alguma creatura maior do que elle, — alguma lei mais santa do que a sua . . . Obedecei a *alguma cousa* ; e tereis probabilidades de encontrar um dia o que é melhor para ser obedecido.

Se começas por não obedecer a
coisa alguma, acabareis por obedecer
a Beelzebud e a todos os seus sete
amigos convidados.

I

Seja esposa da minha alma a madre-
silva ! Seja meu anjo e guia tutelar !

Não me recuse nunca o seu conselho !

Dê-me a coragem nos estames altos,
pois sem murchar olharam o sol de junho !

Dê-me um quinhão da candidez sem
mancha, derramada na alvura da flôr !

Conceda-me indulgencia, semeando d'in-
verno os seus aromas e assim mostrando
ao peito atribulado como entre o rigor ha
sempre benções !

Ensine-me a firmeza n'esses ramos que
não sabem crescer sem se prender !

E que, ao libar em taças do seu nectar,
eu me exalte em amor perpetuamente !

II

Entre as flôres que vi no monte agreste,
entre tantas cumprindo ao desamparo a
missão do Senhor e o seu destino ; entre
as que adornam paços e jardins, usufruindo

zelos e riquezas, a abundancia, o abrigo, e mil cuidados d'uma arte fecunda em acrescentar a opulencia dos bens da natureza ; entre as flôres do luxo e as da indigencia, nenhuma me prendeu como a madresilva, a nenhuma me uni tão tenazmente.

Todo o seu palpitar desde que nasce — o moroso surgir rasgando a semente ; o affecto primeiro, ao despontar, quando se eleva e enrôla em ramo estranho, ingrato muita vez, cheio d'espinhos ; as hastes desgarradas sem arrimo, baloiçando-se ao vento desprendidas, talvez rindo, felizes, das mais velhas que crescem já ligadas e captivas, para sempre sujeitas ao enleio da vida á qual a sua se juntou ; depois, a flôr tão leve, quasi alada, alchimia divina e sacrosanta em que o marfim e a neve se distillam n'uma subtil essencia de ternura ; por fim o fructo, ou purpurino ou negro, insinuando que quem na terra passa ha-de soffrer a infiltração do sangue e a escuridão, ha-de descer de enlevo o mais claro no tumulto ; — tudo quanto sonhou a madresilva, tudo sonhei tambem, sob o poder da flôr que me move o coração e, convertido, o leva á sua voz, exultando na propria obediencia.

III

Louvo a Deus pela hora abençoada em que propiciamente espiritos bons me ensinaram a amar a madresilva.

« A maior oppressão, maior desgraça, é viver só no mundo e ir caminhando na treva e no pavor, sem um pharol, que illumine e desvie dos abrolhos e nos salve da morte nos abysmos onde em tortura penam os condemnados ». — Eis a regra terrível dos prophetas.

Erraram, porventura. Alguem viveu só-sinho?!

Quem foi livre na terra e se isentou d'uma atracção mais alta e poderosa, á qual subordinou todos os passos? Aquelle que a inquietação do mar seduz e envolve, e em tal engano o arrasta d'onda em onda, até ao dia negro da procella e ás esperanças trocadas n'um momento pela atroz agonia do naufragio?!... Aquelle que tanto quiz ao berço na montanha, tão fundamente a amou, serena, calma e doce para seus filhos, que preferiu a miseria prolongada a apartar-se do lar onde se aquece e cujo fogo o pága

dos thesouros mal auferidos ao longe nas cidades?! Foi livre o avaro, o ebrio, o desvairado pela febre da posse ou pelo breve calor do sangue impuro?!... Foi livre da lisonja o envaidecido, ou não soffreu baixaza quem, mandando, por alcançar imperio se rojou perante a multidão e lhe outorgou quanto sordidamente ella apetece?!... Foi livre o santo, pôde alcançar os céus do seu delirio, banindo da visão toda a fraqueza que o corpo enfermo de continuo lembra?!...

Illusões, illusões do nosso orgulho!... Jámais na terra o homem esteve só. Constantemente adora, roga e invoca o auxilio de quem, no seu pensar, é portador de paz e de ventura. Que importa se é captivo da montanha, do mar e da flôr, ou da avareza, da gula e vis affectos? A sua alma é filha d'outra alma, á qual pede conselho e obedece.

Se vive, é prisioneiro d'outra vida, demonio ou anjo, visão ou ser palpavel, desejo d'existencia transitoria ou resgate do acaso e contingencia pela contemplação da eternidade.

E' condição humana a servidão. A sorte de cada um só se distingue pela escolha que fez o coração, por se votar a fôgos

infernaes ou por subir aos reinos de candura.

Feliz quem se prender á madresilva e lhe beber da seiva, commungando na pureza infinita que ella encerra !

bibRIA

EXTREMA-UNCCÃO

I

Segundo a crença e o ritual da igreja, é dada ao moribundo a extrema-unccão, em signal de indulgencia pelas culpas commettidas na terra. Os seus pés que o levaram erradamente; a fronte, onde, pensando, elle soffreu as tentações escuras do peccado; os ouvidos que ouviram ruins conselhos; os olhos que se abriram por cobiça; as narinas frementes de paixões, dilatadas na ira e crueldade; a bocca mentirosa ou pervertida; as mãos, cujo poder dado para o bem, para o trabalho, para a esmola e para o soccorro do enfermo, do fraco e do infeliz, servirrem, infieis ao seu destino, a avareza e o furto e a escravidão: — toda a ferida ainda aberta, toda a mancha, quanta

impureza envenenar o corpo, tudo se expunge e cura por virtude dos oleos que tocaram o moribundo, para que, constricto e humilde, e emfim isento de turbação e medo, confie em redempção, e o Senhor o entregue á guarda d'anjos bons, que em paz o tenham para todo o sempre.

Misericordia ! seria na agonia a oração de toda a alma arrependida.

E os homens, julgando ter em seu querer a bemaventurança e penas infernaes, piedosos concedem o perdão.

bibRIA

Vae morrendo a flôr da madresilva nas hastes que, anciosas por prender-se, buscam apoio e par para o cingir nos laços invenciveis do affecto, seu destino e gloria.

E' branca no extremo mais subido, onde se abriram os ultimos botões e outros mais novos vão em breve soltar á luz do sol os estames cerrados na corola.

A flôr mais antiga, ainda não murcha, essa caída em funda pallidez, começa a confundir-se nas ramagens, que teem tambem banhada a folha verde em tintas

desbotadas, suave conjuncção d'ouro e esmeralda.

Não se vêem, porém, as flores seccas. Reduzidas a pouco, encobriu-as a espessura do seio vicejante, que lhes occulta os restos e assim lhes dá mortalha sumptuosa, depois de generosamente as ter dotado de vigor e perfume.

Por tal modo, a flôr da madresilva, desde o nascer até á sepultura, é um trasbordar de graça ininterrompida; nem lhe esmorece aroma, nem afrouxa no halito divino; a propria fórma, declinando, se desfaz occulta na frescura dos renovos. A extrema-uncção, que lança a quem a segue na languidez das horas derradeiras, é viridente e sã como lhe foram os dias de pujança embalsamada, a juventude alegre e a candidez.

Não é pois ás irmãs que a madresilva pediu purificação e sacramento, quando chega o momento de as deixar. Foi ella que até morrer sempre as ungiu de doçura, de graça e suavidade, animando-as a manter e propagar a essencia crystallina da sua alma.

III

Banham-se em sangue as nuvens do poente. Em breve a noite as tornará sombrias.*

Melancolia!... Desde os montes ao mar uma só voz repete essa canção crepuscular que eternamente induz o forte e o fraco em desengano, mágoa e humildade.

— Como é insensata, pensei n'aquelle instante, quanto é louca a vaidade que julgou conceder indulgencia ao moribundo! Quem morre é que nos dá a extrema-uncção, filtro e mysterio, vibração etherea, aroma na flôr, calma no homem, e em ambos um sereno trocar da fórma pela alma, um nascer de saudade onde existia o corpo corrompido, elevação d'amôr, vida suprema.

— Não sonhes, aprendi eu da madre-silva, peccado ou culpa em quem vires fallecer. Não! Ajoelha, roga que te ensine como em claridade e paz as vidas se desfazem.

Então, scismando, no triste entardecer da primavera, beijei religiosamente a ma-

dresilva, a pedir que me dêsse a extrema-
unção.

Oxalá me filtrasse o seu alento! Po-
dêsse tambem eu adormecer, na pallidez
da morte, transmittindo doçura, mansidão
e só amôr, tão puros como d'ella os
recebi!

bibRIA

bibRIA

PIO DESTERRO

*Now came fulfilment of the year's desire
The tall wheat, colour'd by the august fire.*

W. MORRIS.

Consuma agora o anno o seu desejo,
no trigo alto, corado em ardores
d'agosto.

I

Os ceifeiros juncaram de pavêas o campo extenso em que ondulava o trigo, prostrado submisso pelos homens, — elle que só para lhes trazer fortuna se creou, encelleirando dentro da semente a energia sorvida dia a dia nas maternas entranhas da gleba. « Consuma agora o anno o seu desejo », um aturado sonho piedoso, essa riqueza farta e generosa que a seára can-

tou no sussurrar, enquanto intimamente a accrescentava.

E, seguindo nos sulcos resequidos pelo sol do estio abrazador, eu fui devagarinho, lentamente, contemplar a santa maravilha, pela qual a planta repartiu esmola carinhosa entre orgulhosos, indigentes mortaes que na soberba teem a illusão de forças invenciveis.

Mas sobre os colmos rasos que ficaram ligados ás raizes e com ellas se perdem, pelo outomno, sepultados na leiva revólvida, — como a ruina sempre se insinua onde sómente crêmos existir uma pujança fértil sem limite ! entre esses colmos breves encontrei ninhos caídos d'aves dispersadas, que áquella hora iriam porventura em busca de paragens mais propicias, a procurar no mimo d'algum prado abrigo e pão que alli lhes disputavam.

Já apartado das palhas e bem enxuto, a precaver-se contra a podridão, amiga da frescura humedecida ; depois de erguido ao vento e á luz nas eiras largas, bem estremado de liga todo o grão, para que não manche a alvura da farinha ou lhe derrame aroma menos doce ; — dentro em pouco esse trigo cobiçado alegraria os lares do lavrador, na certeza feliz d'uma abundancia, prolongada d'inverno,

quando o gelo permite á terra as horas de repouso e ensina ao homem artes de poupar.

Para dar gozo assim aos mais poderosos e lhes pagar a astucia nos regalos d'uma escudella lauta e saborosa, choram as aves o seu lar calcado, a pousada desfeita e o sustento arrebatado violentamente, como se o vento e chammas se casassem na furia de aniquilar e destruir !

II

« Desterro ! », pensei eu magoadamente, lamentando o destino amargurado das aves sem abrigo, em debandada, desvairadas nos montes mais visinhos, ou voando, esperançadas, para o exilio, atravez de incertezas e de perigos.

« Pio desterro !... », diz-me uma outra voz. « A obra do Senhor nunca mentiu á Perfeição que é a sua imagem e lei, diffundida sem fim na immensidade da criação, do tempo e do espaço.

« O Senhor condemnou, por ser fatal ao seu imperio, a inercia voluptuosa, venturas sem canseira, a gloria sem dôr, o fructo sem trabalho, o rosto enxuto e limpo do sagrado suor do mandamento

que o Evangelho ordena invariavel; e, por fórma diversa, impõe constantemente angustias, sem as quaes tudo se avilta, enfraquecido o corpo, á mingua da energia do esforço, e apagando-se a alma, pela falta das provações em que se purifica.

« Escondiam-se os bandos na seára e alli brincavam indolentemente, ignorando privações e penas. O destino, porém, quiz d'outro modo; e eil-os escravos d'essa contingencia, onde o perigo se occulta em cada passo.

« Quem mais largo futuro promettia, quem de maior vigor pôde orgulhar-se, quem dormia em deleite tranquillo, — tem cortada a existencia n'um instante, se a natureza cega no caminho precisou dissipal-os para cumprir, inteira e completa, a lei suprema.

« Pulverisou-se o lucido crystal para formar a argila fertilissima; as aguas que cantavam no ribeiro e no fundo gravavam as estrellas, nuvens brancas, o sol e quanto é puro, perderam-se obscuras, em proveito da seiva da floresta e da campina; morreu pelo enxame a abelha mais formosa; as eras afogaram o cedro antigo.

« Que é pois que as aves soffram para sustento do lar onde se acoitam corações e affectos, iguaes aos dos seus ninhos?!...

Que importa que se lancem no desterro, peregrinas gentis que as azas levam, de praia em praia, pelos céus fulgentes, enquanto sobre a terra os seus irmãos desmaiam frouxos, debeis, incapazes, por condição privados de sentir a embriaguez do vôo e das alturas?... Se muito padeceram n'um momento, experimentaram mais profundamente, desejos, ambições, lucta, victoria, arrebatadas pelos turbilhões, entre os quaes se gera e cresce o reino eterno d'amor e soffrimento inseparaveis.

« Pio desterro!... Obra do Senhor!... Onde alguém se imolou, ahí perpassa a sombra do amor que guia os mundos e, banindo lamentos passageiros, os ergue e enleva n'uma só Vontade ».

bibRIA

AGUIAS E RIBEIRINHAS

I

Subi aos montes, quando alvorecia.

A' medida que o sol, o sacerdote, irradiava a benção, toda de ouro, e do calice ardente ia soltando labaredas fecundas do seu fogo, as aldeias surgiam lá nos cerros, depois pelas encostas e quebradas, e ao fim, já tarde, nos estreitos valles; como o descer das contas de um rosario que, no fio corridas uma a uma, passando recomeçam a oração de quem implora a graça do Senhor.

E, quando esse rosario terminou, ao suave proferir da ultima prece, a luz corria livre na montanha, banhando até os villares mais encobertos e os sulcos dos ribeiros mais cavados. Em silencio sorriu á vastidão, desde os casaes que

ao pé de mim exalavam o fumo matinal do acordar até aos horisontes affastados, turvos, em poeira, onde os olhos fraquejam e se transviam na incerteza, illusão e devaneio.

II

Pacifico e sereno, o meio dia deixou cair na terra os véus fulgentes. Em extatico torpor aqueuta e inflama a seiva dos renovos.

Na gloria, abertos sem reserva á luz do sol, os montes expozeram todo o rosto á bondade do astro omnipotente; e assim adormeceram por momentos, louvando o azul do céu illuminado.

Dentro em pouco, porém, os agitaram novas luctas da treva, disputando o passageiro imperio á claridade. E assoladora, então, a sombra caminhava renascida dos fojos, seu refugio, quando, expulsa da altura e perseguida, em instantes de desgraça, se encontrou sem outro amparo e abrigo que a guardasse.

Em multidão, accodem-lhe as irmãs; resurgem dos logares desordenados, onde se apinham os tectos das moradas. Véem, dispersas, ligeiras, avançando por alcantis, fraguados e penhascos; outras, cerradas,

juntas, na collina, espraíam-se suavemente n'uma onda.

As montanhas cobriram-se de luto; submerge-as a tarde em escuridões, que n'uma invasão rapida propaga. Os espectros vagueiam entre as rochas.

Sómente, nos reductos estreitos mais subidos, já prestes a perder-se, a luz tinge em vermelho a cumiada, seu derradeiro poiso ensanguentado pelos opalinos bafos do poente, — como legando, por signal de mágoa, as manchas dolorosas da saudade, n'aquella côr igual ao filtro morno que alimenta, aquece e move o coração.

bibRIA

Fechou-se a noite. Às portas da cidade, edificada nas escarpas bravias e seguras, bateram os mensageiros que a montanha lhe envia áquella hora, a apregoar o lobrego pavor dos deuses condemnados, blasphemos da luz, impenitentes.

Por sua vez rendida ao genio negro, renunciando a prender dentro dos muros uma alma d'alegria e de luz doce e alada, a cidade calou-se. Atormentada, entrou a dormir inquieta de máus sonhos, abafada no luto, repassando, na memoria

dorida, as manchas côr de sangue com que o sol, ao cair, chorou saudades.

IV

Na planície, meu berço muito amado, quanto é diferente do que vi nos montes o mysterio, pelo qual perpetuamente o sol e a terra mudam seu aspecto, em vaevens de união e de divorcio, sem já-mais quebrar de todo afagos mutuos!

A aurora da minha terra não hesita; nem tem a menor pausa na conquista. Rompe, dissipa n'um momento a escuridão; e o juncal e o prado e a extensão sem limites, inundada, são abertos á luz tão promptamente como d'inverno o chão do campo infindo ás aguas das torrentes, transformadas, apenas se libertam da montanha, em fluida superficie, liso crystal, onde de extremo a extremo o sol se espelha. A sombra não tem preza nem guarida; anniquilou-se em fôgos de relampago, não encontrando granitos ousados ou cavernas que algum tempo a detenham e lhe assegurem a permanencia longa e esperanças de voltar.

Depois, á tarde, quando o sol se afunda, a planície é igual para todo aquelle que

alli respira ou veio enraizar-se. A brandura velada do crepusculo e a tremulina quente, ao meio dia, não distinguem contrarios ou amigos nos rebanhos de vidas que apascentam d'encanto ou de tristeza, na floresta, no mar, na multidão humana, em todo o orbe; ou a atmosphaera queime e cêgue ou suavise, ou esteja em ardor e brilho ou esmoreça na viuvez da luz que vae minguando, a planicie funde-se em substancia unica, por todo o espaço largo que o horisonte encerra n'uma linha, inviolavel, continua, ininterrompida.

Alli, a sombra é etherea, um timido carinho enternecido, tenue alento, que fluctua como a nuvem menos densa. Não cria espectros, tragicos phantasmas, que seguem e apavoram a imaginação, propensa a descobrir em cada pedra negra um malfeitor e em abysmos de treva e profundeza a tortura gigante dos infernos.

Assim, para a cidade cujas tendas acampam na planicie, a noite e a sombra, sua fiel serva, vem brandamente como vem o outomno que repousa do estio e reverdece. São um benigno sorver de refrigerio, o descanso almejado e livre da suspeita que na serrania estranha, illuminada caprichosamente, viu castigos, punições e julgamentos, ameaças da carne e dôres

pungentes da consciencia em duvida e remorso.

V

Às relações da terra e da cidade, á ligação da casa e da paysagem, dos muros levantados pelo braço humano, para seu abrigo, e das confusas linhas que no solo dão signaes de revoltas agitadas ou se dissolvem e unem abolindo a aspereza, a essa intimidade indestructivel presidem, pois, dois genios poderosos, diversos no desejo e na attitude.

A emanção do seio maternal, animado pelos genios desirmãos, transmittindo-se a toda a vibração que de longe ou de perto lhes tocou, cria dois mundos: — o mundo da montanha, escrava de sombra espessa e duradoura, e tenazmente afeita á lucta em que tempera o vigor, a nobreza, e a austeridade, seus brazões e caracter; e o mundo da planicie, paraíso de graça e luz e liberdade, onde a sombra a tal ponto se subtilisa que redunde em puro espirito, como um extasi, vinculando o ser mortal e a fórmula á communhão plena do universo.

E, traduzindo na materia palpavel o sentir, para imagem da alma em que se

enlevam, os genios modelaram diversos corações que as azas transportassem onde a sua aspiração melhor servissem: — a aguia cruel e forte e taciturna, vigiando soberba e rigorosa quanto abrange dos pincaros que habita; e o peito branco d'aves ribeirinhas do qual, mysticamente, aguas e céus recebam beijos de claridade, cantando alegre, humilde e viva sem desmaio.

bibRIA

bibRIA

SORRISO DE GIGANTES

Ao declinar do dia, na montanha, bafejou-me o sorriso dos gigantes.

Passada a hora fulgida, o sol olhava já para o occidente em que ia adormecer; e, desprendido d'orgulho, amortecido, permittiu um dilatado momento tranquillo. Parecia abdicar da violencia toda a paixão da natureza ardente.

A sombra e o seu cortejo de terrores despertavam, é certo, nos recessos que ella preferiu, fiel, para habitação, quando, peregrinando, quiz pousar onde a vida mais longa se lhe offerecesse.

Mas, na serrania desigual, cyclopica, a paz precede a sombra; a annunciação da treva é remansosa. O lutar entré mágoas e tristezas, os combates da luz feridos pelos montes, títanicamente, em manchas colos-

saes de escuridão, não se aproximam sem que entre os guerreiros passem, moderando-os, os eccos da bondade, a quietação suprema da harmonia, na qual todo o aneio se trocou pela serenidade a mais perfeita.

Sentiu-a n'esse instante e obdeceu-lhe o pinheiral, a fonte, a casa do pastor, os milharaes crescidos e os lenteiros, tenra verdura em volta de pomares. Sentiu-a de horisonte a horisonte aquelle mundo que prestou vassalagem á montanha e d'ella compartilha as incertezas, o aspecto, a sorte, toda a alma.

Os pinheiros altivos e os milhos emplumados, faustuosos, e a propria rocha, vestiram um aveludado manto flexuoso, austero e rico e nobre sem jactancia; e assim occultam o chão bravio e a aspereza indomita, poupando aos nossos olhos os signaes do esforço, da dôr e da ruina, que a cada passo a estrada nos revéla. Porventura, no recatado trajo magestoso, na côr attenuada, funda e melancolica, diluida na luz que empallidece, decadente, louvaram os fados bons ao conceder vivificante alento bonançoso, pelo declinar do dia na montanha, passada a hora fulgida, indo o sol languidamente a encaminhar-se para o poente onde ha-de adormecer.

E o casal do pastor e aldeia ingenua como adoraram aquelle pendor dos astros para a indulgencia, que o gemer do rebanho lhes lembrou, quando recolhe e sente perto o aprisco!... Vão-se a dormir os gados sob os colmos; pousou-se a enxada, que a tarefa é finda; os prados bebem aguas que vieram lá do fundo das minas social-os e restaurar-lhes viço creador; e na cinza do lar renasce a chamma, essa mãe de infinita caridade, querida e venerada até ao culto por quantos de seculo em seculo, em todo o globo, eternamente pedem e acceitam gratos a esmola e salvação que ella nos dá.

Então, entre os côros bemditos vespertinos, no recolhimento e paz, cedendo á mansidão, a cumiada aguda e temeraria, o despenhadeiro e a escarpa embravecida pelo rijo bater do vento adverso, e os rochedos que se erguem em desafio, — as hostes formidaveis da montanha, que alli pelejam e exercem pleno imperio, repousaram n'um sonho de perdão. E, sonhando, sorriram aos escravos do seu poder ingente, indestructivel.

bibRIA

A FLOR DOLENTE

*Music, when soft voices die,
Vibrates in the memory ;
Odours, when sweet violets sicken,
Live within the sense they quicken ;*

*Rose leaves, when the rose is dead,
Are heaped for the beloved's bed ;
And so thy thoughts, when thou art gone,
Love itself shall slumber on.*

SHELLEY.

Quando, morta, a voz doce se calou,
vibra ainda na memoria o seu cantar.
Se a violeta suave esmoreceu, os seus
aromas vivem nos sentidos que ella
mesma trouxera despertados.

Folhas de rosa, embora esteja mor-
ta, para o leito da amada hão-de
juntar-se. E, assim, quando partires,
teus pensamentos hão-de embalar em
calma o proprio amor.

I

A Biblia que eu possuo, pertenceu ao espolio da imperatriz de um grande imperio. O exilio dispersou-lhe os haveres, depois, sem duvida, de lhe ter levado reinos do coração, bens d'almá preciosos.

Parecia não ter uso o livro aprimorado. O ouro unia ainda as folhas leves, fabricadas de linhos consistentes, finamente delgadas, como um véu. Na cobertura rica de labores, a corôa magestática brilhava, mantendo bem clara a aresta da gravura.

Tão completa ausencia de vestigios do trato, mesmo breve, induziu-me a julgar que aquelle livro santo jámais experimentára o calôr e a pressão das mãos piedosas de quem, para aprender a lei alli estampada, longamente o houvesse folheado.

Assim, curioso e attento, eu comecei a percorrer o texto, admirando a esmerada belleza da sua arte; e cuidava que n'esta devoção era o primeiro, quando surprehendido foi encontrar, mirrados e opprimidos entre as folhas, os restos de flôres ignoradas, para mim estranhas, cuja origem distante só muito obscuramente suspeitava.

Da pagina muda até áquelle hora, ergueu-se um canto que me absorveu em melodia vága. Esse objecto que, embora fosse santo, eu suppuz inerte, n'uma côrte frivola e apenas seduzida por mentira e delirio sensual, contou-me toda a delicia enternecida de um momento, não sei se de fortuna se de mágoa, por certo de ternura, quer a flôr lembrasse um fiel affecto, o extasi de labios namorados, quer houvesse sentido uncção de lagrimas, entre soluços de saudade, amargor e desespero.

N'um clarão celeste, a flôr morta animou a materia esteril, fria; e repetiu, dulcissima vestal, o palpar d'amor que lhe confiou quem teve fé na essencia purificada do seu ser.

II

Quando um dia os acasos do destino, após varias jornadas, me deixaram calcar de novo a terra onde nasci, procurei quanto em minha lembrança revivia o tempo ingenuo, que sempre se deseja e nunca volta. E n'essa via sacra, piedosa, reli as folhas velhas, gastas e manchadas, do livro sobre o qual eu me cansára com

aquella querida companheira que na mocidade a morte me levou.

Tudo o que o jardim mostrava mais brilhante á avidez dos olhos infantis, o descerrar para o nosso espirito deslumbrado d'esse mundo da fórma, tentador e immenso, tudo nos enlevava a cada passo como a propria visão de paraísos. E para signal do enlevo, em testemunho do louvor e preces que a natureza despertava, emquanto pouco a pouco ia rasgando o segredo dos intimos mysterios, collocamos flôres nas pobres paginas, perpetuando d'este modo o encanto.

As papoulas vermelhas do trival, cujas pétalas foram para nós riquíssima expressão do esplendor, de purpura e de trama delicada, que no chão negro eram produzidas, guardamol-as, para vagarosamente as contemplar no silencio da morada, em todo o anno. E ainda agora lá estavam desmaiadas, roxas, envolvidas na escuridão serena d'esse escritorio.

Ao vêr, porém, a antiga luz do sol, logo as armaram forças poderosas; e, repentinamente, desenharam a imagem estremeçada de quem, por as amar, as preservou de morrer sobre a terra, apodrecidas.

Os olhos que sorriram á phantasia inexaurível de brinquedos e em balsamos

d'allivio humedeceram uma dorida infancia caprichosa; a mão pequena e linda que prendeu o coração semeiando affagos e, colhendo boninas, alegrou a servidão penosa do estudo; essa figura amada que passava, propiciamente, como passam no céu azas angelicas quando as chamaram vozes de prophetas, — renasceram por milagre da flôr que do sepulchro, onde jazia orando ha tantos annos, em oração eterna de candura, chorou e fez chorar ao peregrino a branca tunica que um dia revestiu e se rasgou, prendida nos abrolhos.

III bibRIA

D'este modo aprendi a escutar a voz dolente, perpetuada na haste endurecida das flôres que morreram por amor, para o redizer nos estos, nos pezares, em toda a vibração: — na saudade e queixume, na contemplação das graças do Senhor, em juramento, riso e em apartamentos, em esperanças, amargura e desengano.

Flôres dolentes! Bemditas companheiras! Confessores de quem soffre e não expõe á confusão do mundo o calice sagrado que só perante ellas ergue des-

coberto !... Em vós os infelizes depositam a hostia que commungam os corações, nascidos para a dôr e sublimados no mais agudo ferir dos seus espinhos !

bibRIA

A FLOR ESQUIVA

I

Atravessando o monte, ao pôr do sol, procurei no bravia, onde pousasse; talvez — já não sei bem! por me sentir cansado do caminho, ou antes, — certamente! para aguardar, piedoso e crente, a serena benção que o crepusculo concede a quem o ama.

Attentando na sombra incipiente, que vinha a escurecer a planície, destacava distante a mancha branca de seixos agglomerados n'um monticulo. E eu julguei-o favoravel, pela altura, a receber melhor a vibração dos côros do occaso, magnificamente revestido e luctuoso de melancolia, esmorecido e triste entre o fulgor.

Dirigi-me para alli, como quem vae a um templo rezar. A tarde inspiraria as orações. Ou não!... Ella mesmo as di-

ria. O meu culto só tinha a responder-lhes.

Emquanto me aproximava, observei que em baixo, ao fundo de um pequeno córte, contiguo á elevação das pedras apinhadas, estava a cavar um velho, que, uma a uma, as arrancava do solo e as escolhia, cravando o alvião na gandara aspera.

A luz deliquescente transformava n'um lago de ametista as urzes côr de rôsa, que formavam o largo manto da charneca. Mas o velho, pobre, indigente, na obsessão tenaz do seu trabalho, em que amassava o pão lavando em suor a terra severissima, ia arrancando as urzes com a pedra, e lançava-as á margem, sem se prender em magicos encantos, vencedor desdenhoso, irreverente.

Magoou-me o desprezo, e abaixei-me para levantar do chão uma das urzes.

Que mysteriosa lei regia a vida, mandando á singeleza delicada que assim vestisse o ramo torturado, crescido a custo em campo tão esteril, de continuo em pobreza de sustento e açoitado do vento no inverno?!... E, scismando, conservava entre as mãos o ramo d'urze, não ousando lançar de novo ao abandono esse formoso vaso de pureza.

Compreendeu-me o velho o devaneio. Serenamente, conhecendo no mundo a phantasia dos que vivem d'amor e em tudo encontram um coração sentido igual ao seu; indulgente para o capricho louco, desgarrado entre as luctas herculeas dos obreiros, entregues ao penar sem remissão para manter accesos os seus lares, povoados de risos de creanças e ternuras de mãe inexgotaveis; repousando um instante da fadiga, o velho ergueu a face e contou-me:

— « Um lettrado, que Deus tem... Ah! era um homem bom, um santo!... Servi-o muitos annos!... »

E fez uma longa pausa no dizer, até que se affastasse o vôo das saudades, desprendido de lembranças carinhosas.

— « Conheci um lettrado », proseguiu, « que tinha o melhor jardim por estas redondezas, e nada cobiçou para os seus canteiros como esta flôr que vive aqui, desestimada, pelos montes. Pois debalde!... Quantas quiz plantar, quantas morreram. Cansava-se; afreimava-se. Escolhia o melhor tempo para a dispôr, aquelle que lá no seu cogitar era o mais proprio. E tudo foi perdido!... Nem uma só vingou. Morreram sempre. »

II

Eis a flôr esquiva! Aquella que amou a gandara e a suavizou, occultando a rudeza n'um lençol cuja trama robusta foi coberta pelo aljofar tinto das manhãs, lavado em purpura quando o sol nasceu; aquella que, por esforço persistente e caridade, espalhou delicadeza em sendas cruelissimas e para isso soffreu, sem amparo, nua, descoberta, sem um escudo contra o vento gelado de dezembro e contra os raios fulvos do estio; essa flôr gerada em sacrificio, convertido, na transubstanciação final da sua alma, em singeleza debil e graciosa; — a urze, houve por mal e causa da sua morte a abundancia mimosa dos jardins, porventura exaltada em amôr materno, fiel á terra flagellada e misera que a creára, livremente, na consagração isenta do seu ventre á belleza querida do Senhor.

Esquiva, resistindo á tentação vulgar da vida facil, repudiando-a por uma paixão profunda de dureza, senão talvez pela alegria de mitigar com flôres a gandara indomita, a urze quiz ser amada alli no chão bravio onde ella amou tambem.

APOSTOLOS DA TERRA

Peregrino! O que buscar a estrada abençoada igualmente entre o viço e entre os abrolhos, ha-de adorar a urze no bravio, reconhecendo humilde a obrigação d'acceitar a vontade da flôr, obediente e docil ao desejo dos que emanam pureza e n'ella existem! E ella, em recompensa, o levará á divina presença do Senhor, a esses reinos da graça que sonhamos e, sendo apenas sonho, são resgate de quanto por natureza mortal se corrompeu.

bibRIA

bibRIA

OS MISSIONARIOS DA STEPPE

I

Entre os montes da Persia que se estendem ao sul do Caspio, e antes do mar indico, ha desertos immensos, aridos todos e não poucos amargos, embebidos ainda da salsugem que os repassou em epochas distantes. E' essa planicie que o geographo distinguiu das demais, chamando-a *steppe*; e é a mesma a que o poeta e o povo, enamorados da singular feição de taes logares, povoaram de sonho e phantasia, contemplando a estranha vastidão onde a luz livremente se transmuda, variando d'esplendor sem o perder.

Alli, a primavera, breve e repentina, passa a um estio secco, abrazador; e após vem o inverno, desmedido no frio e na extensão. Succedem-se estações, de rigor em

rigor, subitamente, desconhecendo outros moderados.

A neve abunda, como em regiões alpinas, europeias; e, todavia, o mesmo chão em que ella pousa e se demora, alcança temperaturas tropicaes quando atravessa periodos d'estio. A chuva é rara; em alguns sitios cæe apenas durante um mez em todo o anno, e os mais afortunados só a teem no curto espaço de dezembro a abril. E logo, sem tardar, as fontes séccam, e, á mingua d'agua, a vida vegetal fica suspensa.

Biábân, diz o persa, « que não tem agua ». Designou assim uma parte das terras do Iran, a mais baixa, onde a falta de humidade prohibiu qualquer vegetação arborescente, permittindo poucos mezes de verdura. Acima está o *Djaengael*, « região d'arvoredo », montanhosa, á qual não falta em quasi todo o anno a frescura bastante para manter na planta certo viço. E mais acima ainda, entre esta região e a neve eterna do cimo das montanhas, alarga-se o *Saerhadd*, « alto plató », onde as aguas copiosas chegariam para alimentar a vida de continuo, mas onde os vegetaes não pódem attingir formas arboreas, porque a aspereza d'invernos muito longos reduz a pouco o tempo e a possibilidade de crescer.

II

N'aquella diversidade, á qual conduzem as condições diferentes d'altitude, relevo e humidade, em que a steppe se mostra e se transforma, ha, porém, um caracter commum a toda a flora. Uma necessidade igual a opprime e rege; uma só ameaça a determina. Subordinadas a um desenvolvimento breve, limitado por virtude de temperaturas e rigores extremos, pelos golpes de frio e de seccura, traiçoeiros, caíndo inesperados e profundos, as plantas terão na constituição os signaes proprios d'esse modo de ser particular, recordando um passado doloroso e acautelando a existencia precaria, tão incerta.

As plantas annuaes, gramineas, liliaceas, cruciferas e silenes, e outras que igualmente são rasteiras, essas, em algumas semanas, ou mesmo em poucos dias, percorrem todo o cyclo estreito da existencia. Verdejantes e esmaltadas de flôres, ao rebentar da chuva primaveril, cobrem a steppe, salvando-a d'aridez, sem aversão sequer ás encostas calcareas e aos terrenos salinos mais ingratos. E, mal chega o estio, murcham, deixando apenas da rapida

passagem alguns vestígios na multidão de palhas seccas, amarellecidas, que o vento enovella e arrasta, espalhando sementes que algum dia, na primavera proxima, immediata, a alegrem e renovem a verdura.

Não foram, porém, forçadas a alterar radicalmente a sua organização. São ephémeras; mas viveram em temperaturas moderadas e condições normaes climatericas; cousa alguma as obriga a transformar-se; a sua fórma é igual á das irmãs que brotaram nas outras regiões.

Differentemente, as plantas cujo periodo de vegetação ultrapassa a primavera e por isso tem de affrontar o ardor do estio, sujeitando-se aos excessos do clima, essas, para não morrer, tem de inventar defesas poderosas. Retardarão o desenvolvimento, para lhes diminuir a sêde d'agua; ou, o mais das vezes, modificarão profundamente o organismo. Ha especies que revestem a epiderme de couraças ou d'um verniz, que, sendo conductores desfavoraveis do calor, diminuem assim a evaporação; algumas entumescem-se de sucos impregnados pelos saes da terra, soluções menos vaporisaveis do que a seiva ordinaria. Outras, leguminosas, compostas, borragineas, labiadas, envolvem-se em uma camada de pellos ou cercam-se d'uma

atmosfera aromática, para moderar a acção dos raios solares e limitar ao mesmo tempo perdas aquosas. Outras ainda cobrem-se d'espinhos, atalhando assim á evaporação, pelo facto de diminuírem as superficies nas quaes ella se exerce.

Por igual necessidade de defeza contra o terror da seccura, as folhas de certas especies, como a tamargueira, reduziram-se ás mais exiguas dimensões. Em certas gramineas, as folhas enrólam-se e tomam a posição vertical, para fugir á acção do sol e moderar a transpiração. Algumas vezes, as cellulas epidermicas revestem-se de substancias mucilaginosas, rebeldes á evaporação. De tal modo vão «luctando pela agua», conforme disse um naturalista audaz, que percorreu esses desertos fatigantes.

As mais felizes, as que menos sacrificam o character habitual a este combate, serão talvez as plantas bolbosas e as de raizes succulentas, permanecendo vivas, sob a terra, nos periodos mortos. Para essas, a pena reduz-se a uma simples reclusão. Vêem a luz quando ella lhes é propicia; dormem na escuridão, tranquillamente, guardando toda a graça das suas seivas, quando o sol queima ou a neve paralysa. A tulipa, o lirio e as amaryllis tiveram essa fortuna.

III

Não quiz o Senhor deixar a steppe ao abandono, sem a tunica verde com que veste a terra, sua filha, muito amada. Não fosse ella chorar a crueldade e maldizer dos céus que a desprezassem!... Não fossem as illusões humanas, vendo a steppe, mortificada e triste em desaffecto, blasphemar da alma generosa, da qual a nossa alma é a sombra peccadora!...

E para que esse desvario não succeda, o Senhor mandou á steppe missionarios, os portadores fieis da sua graça.

Deu-lhes grande combate a combater. Para chegar alli ao pó e ao gelo e lhes levar alegria, fortaleza, esperanza e suavidade, que a verdura derrama onde se espraia, aquelles corajosos servidores soffreram por longos annos a adestrar-se, adaptando a forma e o palpitante ás privações que iriam padecer.

Ao fim, venceram; e, no triumpho, converteram o deserto á lei de Deus, ensinando-o a ser fecundo e creador.

Vão agora coroados de gloria, proseguindo na estrada dos apóstolos.

Que resplendor ardente os acompanha!...

ESPERANÇA E MORTE

Oh, indomado vento do poente, no qual está respirando o ser do outomno e de cuja presença, ainda que occulta, as folhas mortas foram afastadas, como phantasmas a fugir do encanto, amarellas e negras e em pallidez, e vermelhas de febre, multidões contaminadas pela peste! Tu, que arrastas para o leito escuro do inverno as sementes aladas, para alli onde repousam sepultadas, como um cadaver dentro do seu tumulo, até que a tua irmã azul da primavera vibre o clarim na terra que sonhava e encha de vivas côres e aroma a planice e a encosta, guiando os gomos doces, em rebanhos, a nutrir-se no ar! Oh, indomado espirito, que em toda a parte surges e te moves, destruidor e guarda!...

SHELLEY.

I

Tudo o que a terra diz d'esperança e morte, a vibração plena do seu seio em quanto movimento o agita e ergue, na infinda caridade, em previdencia, em brandura e rigor, em pujança e miseria, em decadencia e brilho, em toda a phase, em quanto amor a exalta; tudo o que a terra diz d'esperança e morte cantou nas tubas do vendaval do outomno.

Ao escutal-o, o poeta, invocando-o na passagem pelas aguas do Arno, em cujos bosques o sonhador scismava nas visões, disse, aspirando a modular-lhe o impeto, « assim como a floresta o modulava » : — Destruidor e guarda ! . . .

Entre os erros do vento no arvoredos, o genio distinguiu um anjo de exterminio e salvação, que em agitado cortejo e estranha aureola vinha cumprir á terra o seu destino, em funda treva, se trazia a morte, e em luz clara, se por onde elle voava ia deixando bemdito germen de resurgimento. Chorava a haste despida e a folha morta; e logo se enlevava alegre nas promessas, enterrando as sementes mais captivas, para que o frio não logre

corrompel-as, e descerrando em prados latejantes aquellas cujo vigor ousa crescer entre a nevada alvura dos invernos.

II

No grangeio do campo houve uma pausa, um instante de anciedade humilde e confiada.

Entraram no celleiro os milhos aloirados; os fenos e as palhas cercam o estabulo, em mêdas altas, torres generosas, fortalezas de paz e abundancia; o arado rasgou de novo o sulco e n'elle humedece e alenta a sementeira, que transforma a seára d'agosto na campina e apascenta os gados mansos onde ha pouco se creou o pão, para nutrir nos lares, em horas adversas, o servo da gleba, escravo voluntario e filho amado da terra, sua mãe muito querida.

Apagam-se os vestigios do estio. O semeiador, voltando a semear, voltou a orar e pede aos deuses bons, silencioso e crente e supplicante, que repitam a esmola e lhe facultem mais uma vez a graça e o sustento, a robustez do corpo e a tranquillidade dos espiritos serenos, commungando na suprema von-

tade do Senhor, sem blasphemia, receio e hesitação.

III

Horas supremas! A anciedade em que a terra estremece de continuo, inquieta e vigilante, sem repouso, na febre de merecer benções divinas por se manter fecunda, bella e maternal, juntou no outomno os bandos dos apóstolos para entoarem n'um só côro, unidos, os cantos tão diversos da sua alma. E é a sua voz o vento do poente, ora frio e gelado, ora suave, ora arrastado e lento, ora veloz, agora sibilante e logo enrouquecido.

Num alvoroço incerto, intermitente, confundiu irmãmente em igual gloria o anniquilar de vidas cuja obra é finda e consumada, já perfeita, e a gestação potente de outras vidas, restituindo á terra os seus exercitos, todo o calor da seiva, a formosura, o delirio da côr e o do perfume.

Bemvindo seja o vento do outomno!

CÓROS NOCTURNOS

I

Esquiva ou indiferente ao esplendor que no profundo oriente tingem em púrpura o frio alvorecer, embaraçado nas teias violáceas da manhã, a angelica afrouxou no seu perfume, sentindo a claridade da aurora aproximar-se. Foi como se a fadiga moderasse o canto que ás estrellas desprendia, incitando-a a repouso, para renovar a energia da doçura apaixonada, na qual talvez o povo lhe encontrou o nome que a eleva ao paraíso, confundindo-a entre os anjos, se porventura o baptismo não lhe veio da lactea suavidade da flôr.

Emquanto o sol foi vivo e ardente, continuou a respirar aromas, quebrantada; até que, ao cair da noite, resurgiu

para entornar com profusão as urnas fartas. Depois, incensou o luar e os reverberos que a defendem de vêr escurecida pela treva a pallidez das pétalas, á qual decerto ella muito ha-de amar para companheira da exalação balsamica do calice.

D'este modo conheci a flôr da angelica, na estação que escolheu para se mostrar, ao fim do estio, já repassado das promessas amenas do outomno.

Ha trez seculos, alguém a foi buscar além dos mares; mas em terras europêas veio encontrar perfumes d'uma alma irmã da sua. Pois não é só a angelica a querer o véu da noite, para soltar livremente os seus aromas; outras, muitas flôres têm communhão n'esta regra a que a natureza a traz sujeita.

A principio suspeitei ingratidão em tal preferencia. O perfume distillou-se á luz do sol, no aturado calor que d'elle emana; e a flôr guardaria o menor quinhão para quem lhe ensinou a combater o seu combate de consolo, d'encanto e d'alegria. Tambem ella, na sua singeleza, saberia

eximir-se a tributar todo o louvor e fé ao ser poderoso que generosamente lhe deu a forma e lhe infundiu na seiva o animo de crescer?! Impossivel!... A ingenuidade desconhece a soberba, o orgulho e os máus impulsos de revolta ou traição. Onde a vida foi livre, caminhou por estradas diversas para a harmonia.

Se algum sentimento proprio se ha-de crêr nas flôres cujo perfume é mais intenso á noite, será antes pudor do que vaidade ou disputa caprichosa das suas graças. Não raro a formosura é recatada; ignorando o seu poder e força, occulta-se modesta, senão tímida. E, seguindo esta lei, algumas flôres escolheriam a luz branda da lua e das estrellas, como a melhor para dizer aos homens o seu segredo e lhes abrir sem reserva todo o intimo. Só lá confessariam em aroma tenaz o seu amor, candente e candido, — oh, divina união! — onde geram sementes e eternizam aspirações e sonhos de belleza, que outra cousa não é a flora immensa, cobrindo o campo, o monte, a rocha e a gandara vasta, e palpitando informe em algas tenues de ribeiros e lagos, e até mesmo pelas aguas corrosivas e salgadas de larguissimos mares sempre agitados.

III

Detive-me a scismar algumas horas, procurando debalde descobrir porque mais alto se ergueu perante a noite o côro das flôres, que á luz do dia crearam filtros d'aroma seductor. Acordando porém do sonho, recuperei o cogitar pausado do espirito, compreendendo que, para saber d'onde partia a offerenda de perfume á escuridão, não carecemos de transmudar na planta a fragilidade, o erro e o desvario de corações humanos, accessíveis á ingratição, á rebeldia e a inutil pejo, tantas vezes origem de mentira.

A terra não consente aos seus apóstolos que adormeçam. A toda a hora, a todo o instante e em todo o tempo, na calma e nos turbilhões impetuosos, em meio dia rutilo de julho e em cerrações e trevas de dezembro, as legiões da terra hão-de prégar a fecundidade, a graça e a adoração de quem as alimenta e lhes confia a sagrada missão de propagar, por um constante exemplo, as leis de conformidade e harmonia, nas quaes se iguala toda a condição. Cegaram os nossos olhos porque o sol se afundou no hori-

sonte? Outros sentidos têm de despertar para o culto da terra nossa mãe. E a flôr, apostolo diligente entre os primeiros, não podendo fallar-nos pelo colorido, pelas tintas divinas da sua trama, pois que a obscuridade a cerca e envolve, ergue por isso mais, á noite, o canto de perfume, para que com ella nós tambem digamos a sua amorosissima oração.

bibRIA

bibRIA

SEDE DE BRANCURA

I

Sobre o chão enegrecido do inverno, pelo acumular das folhas do arvoredo, embebidas de chuva, a desfazer-se, eu procurei flores que me mostrassem o renascer da vida entre a ruína.

Havia lírios roxos, desgarrados, que a humidade do outomno despertou antes dos tempos brandos, primaveris, sua hora preferida e de triumpho.

O alecrim do monte, entre as aspe-rezas, soltava do seu labio uma palavra de consolo e de esperança e de coragem. Mas era tambem roxo; e tinha impressa, na tinta esmorecida dos poentes, aquella melancolia das chimeras em que os sonhos dourados se dissipam, deixando o rasto da desillusão.

Havia rosas de carmezim, de opala e de topazio, porém despidas dos brilhos de setim que em maio as veste; apenas um sorriso de luz e de calor, enviado da terra aos fracos e descrentes, para que, não succumbindo, mantivessem entre rigores a fé e a aspiração de resurgir em força e em belleza, quando o sol os beijasse ardentemente.

Junto ás heras robustas, incensando-as, as violetas rediziam fielmente uma divina prece de humildade que se erguia tão alto como o cedro, irmanando na sua pequenez toda a grandeza. Mas nem por tal fortuna as violetas se isentavam de receber os véus do lírio e do alecrim; se o aroma as aureolava d'um enlevo, na côr lembravam mágoas e lamentos.

Era, pois, de tristezas o caminho, que ia pisando á beira da floresta, n'um dia de dezembro silencioso, depois de despojada e revolvida pelos tufões e frios do outomno? Ouvia-se um queixume em cada flôr e nem a terra outras consentia que não fossem mensageiros doridos de oppressão?

Olhei, porém, as relvas e o regato, que cortando a espessura se estendiam nos lagos tranquillos de verdura; e vi que uma violeta branca entre os orvalhos alegrava sósinha todo o prado.

Salutar refrigerio, dissipou a duvida e suspeita que nas flôres sombrias eu encontráva. E, contemplando a imagem da pureza, não mais senti o cuidado ingrato.

II

Tem sêde de brancura a nossa alma, de brancura que corra como o sangue e seja casta como a madrugada.

A neve, o diamante, aguas e nuvens são brancas; mas debalde lhes pedimos que palpitem e ministrem communhão na translúcida essência do seu brilho. Desliga-as do bater dos corações uma calma frieza sem piedade, como se fossem estranhas ao seu rhytmo, ou passassem de longe, ignorando a constante agitação d'amôr que os faz pulsar.

Ha brancuras de morte sublimada, dispersas no refundir eterno da materia, transposição de incertezas corruptiveis á alvura inalteravel, um subir alto para não mais descer. Sómente á flôr é dada brancura humilde e viva; lançou-lh'a o seu destino em seivas contingentes, expostas a toda a offensa e a toda a mancha, se as molesta a briza aguda ou morna, se uma

humidade prolongada as banha, ou se as feriu o sol insistente e lento na carreira.

Só n'ella é saciada a nossa alma, bebendo alentos que em qualquer outra brancura não alcança. Porque só alli encontrou os proprios tremores, a funda aspiração de claridade e a ameaça de sombras que a empanem, esse vôo para luz e a consciencia da fragilidade que o afrouxa e quebra.

bibRIA

FLOR DA GRAÇA ¹

I

Nas planuras do Iran, o Senhor creou a rosa, flôr da graça.

Tingindo-a então com as côres da auro-
ra, e unvida de balsamos celestes, man-
dou-a anunciar a redempção, despertando
corações adormecidos e abrandando os que
o desespero endurecêra. E a rosa lá seguiu
na sua estrada, transmittindo aos homens
a palavra santa: « Alegrai-vos! Alegrai-
vos! A pureza renasce em todo o chão,
na creança innocente, no culpado dos
erros e loucuras, onde punge o remorso e
onde a alma, partindo turvo involucro

¹ Ch. Joret, *La Rose dans l'Antiquité et au Moyen-Age.*

mundano, aspira a erguer-se no azul sem macula ».

Da montanha, dos pincares caucasicos, em que tanta belleza elegeu patria, a rosa veio á Grecia dos deuses e a Roma heroica trazer a promessa que o Senhor lhe confiára. Floriu no Lacio e na Campania. Virgilio celebrou rosas de Pestum. E quer a tradição da Cyrenaica que alli mais perfumadas se mostrassem.

Attonitos, os homens perguntavam d'onde vinha o peregrino mensageiro. Enamorados uns da gentileza, diziam que a primeira rosa havia nascido quando Venus nasceu na espuma do mar. Outros, presentindo as amarguras, suspeitavam que a rosa se formara de sangue derramado por paixão, no momento em que o javali feriu mortalmente o moço Adonis, de famosa belleza, que Diana immolou á supplica de Marte. E todos, venerando a divindade, converteram em culto o desabrochar da flôr.

Só com ella voltava a primavera. Capua festejou em maio as suas rosas. Por toda a parte a imitam as cidades. Se as inscrições antigas não mentiram, até os recitados lares teceram corôas, glorificando a vinda d'essa imagem, em que adoram pudor e suavidade. Onde na alma passa jubilo ou

paixão, pediu á rosa que lhe sagra-se o ardor: no banquete, entre amantes, na festa nupcial, como em angustias de morte e de saudade, implora a companheira caridosa, que na treva e na luz accende os fachos d'uma graça immortal. Nem turbidas bacchantes se isentaram de tentações subtis de pura graça; aquellas mesmas que a Sileno obedecem, entreteceram rosas nos cabellos.

Esse, cujo corpo já descansa das luctas vãs e d'ambições humanas, olhando desiludido o mundo esteril e estampando na pedra o ultimo anseio, escreveu sobre o marmore do tumulo: — « Esparge, ó viandante, eu te supplico, algumas rosas sobre as minhas cinzas ».

Os timidos, porém, de pouca fé, ignorando o florir infinito, a temer deixar de ouvir a voz angelica, choraram a fragilidade, que tão cedo se desfaz como renova. Ausonio lamentou: — « Dura tanto a rosa como o dia. Em si confunde velhice e puberdade. Aquella que a estrella d'alva viu nascer, essa mesma viu morta ao cair da tarde ».

Talvez por isso, talvez para a amparar nas horas em que debil se desfolha, ao perpassar da mais ligeira brisa, açoitada pela aza fugitiva ou esmagada no tumulto

das multidões humanas, o Senhor deu á rosa o esposo. Alli mesmo no Iran onde a creou, creou tambem o lyrio que a segue e, fiel, a acompanha pela terra ; juntou-os para que a candidez não esmoreça, á mingua de rubor que o sangue anime, e tambem para que o rubor não embriague, privado das alvuras crystallinas.

Mas das nevoas que geram o frio norte, desceram á cidade as hostes barbaras, escravizando o povo dissoluto e o cesar voluptuoso. Afoga-se no combate o coração ; calou-se na batalha a voz do anjo ; esqueceram-se e calam-se as roseiras. Quem ajoelha agora perante a flor, quando o tropél da guerra o apavora ? No terror mortal e na disputa da coroa ameaçada e do throno ruindo, apodrecido, a rosa desfolhou-se abandonada pelos jardins que as festas atroaram e pelas sebes ermas da campina.

Cantou talvez á ave a desventura, enquanto as correrias impias do guerreiro lhe cuspiam nas petalas o pó.

II

Que importa?!... A sua gloria conquistada a terra inteira. O barbaro hoje

ignora-a, mas outros bandos vôam pelo Oriente. Alli tambem o sabio e o mystico, ao ver as rosas, sondam os seus mysterios; e um povo exaltado as acclama, quando os primeiros botões abrem o thesouro do seu perfume e graça. No dia em que a primavera descerrou rosas de Cachemira e Pechawer, as mais celebres que além dos montes se crearam, ceifaram-n'as o moço e a donzella, para as lançar na rua aos viandantes, esperando em troca a offerta á qual se obriga aquelle que, segundo a crença, é assignalado por horas de ventura e alegria, só porque a rosa lhe tocou as faces.

No Indo disputa ao lotus o imperio. Diz a lenda: — Um dia, as flôres queixaram-se a Allah de que o lotus dormia toda a noite; queriam mais vigilante a sua rainha. Allah escutou a supplica; mandou para reinar sobre ellas uma virgem de brancura sem par e tão delicada, que a cercou de espinhos, a guardal-a de todo o sacrilegio e toda a offensa. Mas o rouxinol, endoidecido pelo vivo amor da formosura, voando logo a perder-se entre rosaes, precipita-se em espinhos que os defendem, e, ferido de morte, exala o frouxo alento, soltando o canto doce e magoado. Foi então que o sangue, gotejando, corou de amor as rosas brancas.

O persa, a quem a culpa despertou o estremecer da consciencia, nos livros mais sagrados escreveu, para meditação do peccador: — « A rosa foi creada sem espinhos. Só quando Ahriman, genio do mal, desceu ao mundo, então se armou a rosa ».

Mais simples, os osmanlis, como o filho do deserto, o ismaelita, deslumbrado ao encontrar na Syria a flôr divina, adoraram-n'a. Desprezando cogitações sombrias, reverentes, prohibiram lançar ao chão as petalas da rosa. Se por acaso a encontram em abandono, erguem-n'a, beijam-n'a, e carinhosos, penetrados de respeito sacrosanto, escondem-n'a nas fendas das muralhas, furtando-a com segurança á profanação.

No fervor da sua alma, o poeta ouviu da rosa estas palavras de conselho aos que vão descuidados: — « Sou o hospede que vem entre o inverno e o estio. A minha visita é tão curta como a apparição do phantasma nocturno. Apressa-te a gosar o curto espaço da minha flôr; lembra-te de que o tempo é gladio agudo. Incenso o que respira o meu halito; perturbo de tremor desconhecido a belleza innocente que me recebe das mãos do amigo. A minha duração é visita breve

que eu faço aos homens; e está em erro quem espera possuir-me muito tempo ».

III

Emquanto, porém, o persa louva a rosa e sempre a vê onde ouve o rouxinol, inseparáveis no eterno amor; emquanto lhe implora a piedade, dizendo: — « Aprende, ó rosa, que não é bem tamanho orgulho, na altivez ignorares o rouxinol. Escuta, tu que te alegras em o torturar, elle vae cantar de novo entre os ciprestes, elle, para quem o amor só é martyrio! Sultana de belleza, não lhe fuja, na embriaguez da ventura não te affastes, soberbã, do triste rouxinol »; emquanto ella exalta ao longe almas eleitas, alguém no occidente a protegeu entre ruínas que o barbaro semeia.

Recolhe-a no mosteiro o cenobita. E' d'esse asylo, onde se confundem a paz do coração, o fructo, a sombra e o aroma das plantas, que a rosa um dia voltará a enfeitar o castello, o palacio, a aldeia e o burgo.

Vem sagrada nos altares de Christo. As cruzadas, que libertaram os logares santos, trouxeram-nos da Syria a nova

rosa, a que em memoria e entranhado affecto o povo chamará d'Alexandria. O paraiso ostenta grinaldas, e não ha sem a rosa paramos celestes. S. Cypriano exorta o martyr á conquista de corôas brancas, de lyrios, e outras vermelhas, tecidas só de rosas. Porque n'ellas virá o premio da nobreza; Deus não deixa sem paga o merecimento. « Aos que vencem na paz dá brancos lirios, em recompensa das suas boas obras; e aos que ainda perseguidos triumpharam, dará rosas vermelhas, por signal da morte santa ».

São tres as rosas mysticas. A primeira é o côro dos martyres. E' a Virgem das Virgens a segunda. A terceira foi dado ser medianeira entre Deus e os homens. A primeira é vermelha, como a perseguição; a segunda traz a pureza na brancura; a terceira, vermelha e branca, significa a alliança do Divino Espirito Santo ao sangue fraco.

Alguns contemplam na rosa as cinco chagas, a imagem das feridas redemptoras; para outros sómente alli se encerra o retrato de Maria, mãe de Christo. Porque, diz S. Bernardo: — « Maria foi uma rosa, branca pela virgindade, vermelha pela caridade; branca pela carne, vermelha pelo espirito; branca pela pratica da virtude,

vermelha por esmagar o vicio; branca purificando as paixões, vermelha mortificando a carne pelo espirito; branca pelo amor de Deus, vermelha pela compaixão do proximo ».

Não desmentiu o santo o genio florentino. Para Dante, a Virgem é como a rosa, « na qual o Verbo Divino se faz carne », cercada d'esses lirios, « em cujo aroma se aprende o bom caminho ».

Onde haverá pureza apaixonada que não queira por seu interprete a rosa? « Trará corôa de rosas todo aquelle cujo coração arde em amôr! », exclama o Tannhauser legendario. Nas canções da Ukrania, a rapariga recusa a todos a rosa que colheu, e zelosa a reserva para o noivo. Se ella não abre, é desprezado affecto; prenuncio d'abandono, se desfolha. Na ballada scandinava, o nobre Tidmand, não podendo conquistar a amada, grava em petalas de rosa os lamentos, confiando ao mar a sorte do seu fado. A amada encontra-as, leva-as, e, guardando-as no thalamo, accorda em sonhos, quando o peito vencido cede ao amor.

O rei siciliano ordena ao filho que, se a irmã tentar o casamento, lance á rua uma rosa; o esposo será aquelle que a erguer, será quem adorar a formosura.

Saladino, ao rehver Jerusalem, para lavar toda a impureza, espargue d'agua de rosas a mesquita d'Omar, ao restituil-a ao culto ismaelita. Ainda hoje os fieis do Oriente outro balsamo melhor não encontraram para banhar aquella pedra onde, dizem, foi deposto o corpo de Jesus.

Santa Isabel implora o soccorro divino, para occultar a esmola abençoada que cobria com o manto de rainha? Converte-se em rosas todo o ouro, e ao rei que as ambições devoram, em vez de bens terrenos, vae mostrar paraisos sagrados da doçura.

Pelas rosas o silencio foi jurado, suspendendo-as no festim, para saber-se que é segredo quanto alli se ouve. « Jura », exigiu-se em terras da Germania, para confirmação plena da verdade, « pelas rosas on como em confissão ».

Ao monge sequestrado da fraqueza, severamente se lhe prohibiu que enfeitasse de rosas o corpo indigno; como entre allemães um poeta altivo disse ao villão: — « Deixa as rosas que não são para ti; usa a coróa d'ortigas que te cabe ».

A igreja, que nas rosas infundiu sangue de martyres, desfolha-as em nuvem espessa sobre os fieis, se lhes quer revelar o Espirito Santo; e ou vá juntar os noivos pe-

rante o altar, ou receber a religiosa que não quiz supportar mais o mundo ingrato, ou ainda nas lividas mortalhas, pediu ás rosas que santificassem aquillo que o poder humano não alcança.

Nos escudos, no templo e no missal, que pacientes mãos illuminaram, na pedra e em vivas tintas, lançam rosas aquelles a quem a arte concede legar aos filhos aspirações sublimes.

Entre o povo, dissipa a embriaguez; é linitivo prompto do invalido; ás vezes robustece o corpo enfermo; e até livrou da morte, pelo muito que Maria lhe quer. Na legenda que Affonso o Sabio traduziu, havia um cavalleiro que prometeu offerecer cada dia á Virgem Santa uma corôa de rosas e, não podendo satisfazer o prometido, rezar singelamente a Ave Maria. Em terras desertas, quando parou tecendo a grinalda, sobrevém inimigos, ameaçando-o. Aprestam o cutulo para a morte, e encontram junto d'elle uma mulher de rara formosura, a tecer uma corôa de rosas. Aterrados, fugiram, debandando. Deus não quiz que o piedoso cavalleiro fosse morto, o que na rosa adorára Maria, a Virgem.

A um rei desventurado fôra dito que só tocando a rosa de Balnavali lograria

curar-se da cegueira que lhe amargura os dias infelizes; e, mal pôde sentil-a, logo os olhos se lhe tornaram vivos como estrellas.

Tamanho é o poder da rosa, que é temido. Receíam-n'a o possesso e a feiticeira; e os simples julgaram-n'a funesta, quando floria em estação diferente da sua muito querida, a primavera. Artemidoro agoura mal para o doente, se no somno viu rosas, porque, frageis, traduzem na passagem ephemera o presagio da morte a approximar-se. Eliano e Plinio pretendem que os escarabeus fogem das rosas, e morrem se lh'as lançam no caminho. Tal qual o abutre que a odeia, o cardeal Caraffa deixa Roma, a fugir dos que trazem a sua presença o aroma da rosa. Venezio, homem grande, um doge de Veneza, não ia á egreja sem primeiro mandar que a despissem de grinaldas, pois, sentindo-as, desmaia; e o dominicano Barbaregi, bastava vel-as de longe, desfallecia.

IV

Triumph a flôr divina, fundindo em ethereos resplendores o alabastro, a purpura, o ouro, a neve, orvalho e luz do sol! Acorrentou captivos do seu genio, o que ás

formas terrenas se consagra, quem aos céos levantou olhares piedosos, plebeus e nobres, santos e culpados.

Mas quem sabe?!... Talvez ella tambem esmorecesse; talvez tambem passasse horas de duvida, aneio descontente! Talvez ao encontrar a violeta no recanto silencioso da floresta, considerando o amor obscuro tão constante, perguntasse, interrogando o desengano:

— Acaso vale mais a humildade que a graça?...

bibRIA

bibRIA

OS TRES IMPERIOS DA ARVORE

I

Tão avida de luz como as aves e tão firme na terra como a rocha, a arvore é altissimo apostolo, entre os mais altos, do mysterio que liga aos céus a criação mortal.

Toda a grandeza physica, toda a energia herculea, e toda a violencia caridosa, os angelicos vôos de bondade, alli se reuniram e identificam, conjugados no mesmo arrojio olympico e benefico. A habitação, a sombra, a chamma, a flôr e o fructo; a força gigantesca que, induzindo a raiz na penadia, a desagrega como a ferro e fogo; a graça ondeante e alada de folhagens, vivendo á beira d'agua e namorando-a; o ataúde, o berço e a náu ligeira, que corre sobre os mares de pólo a pólo e liga continentes

affastados, para ensinar aos homens mutuo amor e os desprender de odios de raça e instinctos de combate; harmonias de desenho e fórma e côr nos troncos e nos lenhos de veias caprichosas enlaçadas: — os infinitos modos de existencia terrena e aneio eterno, todos nos dá a benção do arvoredo. A desgraça começa onde elle é raro; e, onde totalmente se perdeu, vem a miseria dos gelos boreaes ou de desertos d'areias requemadas.

Os monumentos em que a humanidade deixa signal de quanto a tem exaltado em contemplação e gloria, o livro e o marmore, esculpiram a arvore ao lado e a par de heroes e divindades, reconhecendo-lhe virtude e accção suprema.

Ahura-Mazda pôz a alma do Propheta n'uma arvore, que crescia onde o céu era mais alto e elle depois mudou, para o cume da montanha do Aderbeidjan.

O *Mahabharata* e o *Ramayana* louvaram as grandes arvores, venerando-as. Houve uma arvore, contam, que de continuo, em Magadha, os fieis cobriam de grinaldas e incenso para a honrar; e os filhos de Pandú vinham roubar-lhe offerendas, para que, despojada, recusasse ser para a cidade escudo e protecção. Quando Nala vagueia na floresta, procurando debalde

aquelle que a deixára, encontrou coberta de flôres a arvore cujo nome significa « isenta de pezar »; e pede-lhe, a essa arvore bemdita, para a livrar da mágoa que a consóme e para lhe dizer se acaso o fugitivo está escondido, alli, na solidão.

Na legenda budhaica, mais inspirada que nenhuma outra pela visão das almas habitando, sem excepção, a materia sensivel e sentida, ou cresça e solte cantos e murmúrios, ou permaneça muda no lethargo; na legenda budhaica, attribuiu-se um genio a cada arvore. Teria alli escolhido residencia, protegendo a fortuna dos que em redor se fôsem acoitar, á procura d'azylo, defendido por um generoso espirito de clemencia.

A arvore, segundo o erudito escreve, meditando, não seria « inferior ao proprio Budha ». Desde que elle nasceu até á morte, a magia sagrada das plantas juntou-se sempre aos actos do Propheta. A' sombra d'uma arvore veio ao mundo; á sua sombra alcança, illuminado, o paraíso; e sob flôres, entre arvores, expira, entrando na beatitude do Nirvana.

II

Em cada logar, ha pois sobre o homem dominio d'uma arvore. Interprete da bene-

ficencia do Senhor, ella ha-de dar ás multidões de miseros que abriga, agasalho, sustento e elevação, um tepido repouso no abundancia e a fulgida inspiração dos céus e astros.

E, para bem servir sua missão, a arvore tem dividido o mundo em tres imperios, nos quaes se ergue differente, dizendo, em cada um differentemente, a aspiração e a ideia que a geraram e animam e ella propaga :

— o imperio da palmeira, levantada, como uma taça a trasbordar, saudando o sol, entre as fermentações pujantes tropicaes ;

— o reino da oliveira, traduzindo na suave firmeza dos seus ramos a temperada quietação em que se expande ; e, onde a luz é mais frouxa e declina ;

— o languido salgueiro, succumbindo aos frios, inimigos da energia, mas não sem louvar a sorte, no sorrir buliçoso e prateado da flacida coma dos seus ramos.

D'este modo, do throno a que o Senhor a ergueu, distribuindo-lhe o mundo avasalado, a arvore abençoa, nos tres imperios sob a sua guarda :

— a gloria, a paixão, o ardor e a luz, crueis no impeto ;

— a mansidão, a paz e a suavidade ; e
— aquella melancolia lacrimosa de quem,
escrutando mysterios da existencia, ainda
no pulsar já vae sonhando as sombras
impassiveis tumulares.

bibRIA

bibRIA

FACHOS DE GLORIA

I

A palmeira não teme o ardor do sol nem se veste de frondes no seu tronco. Fecunda e verde e firme e penetrada da aspiração d'augusta serenidade, não cederá ao vento mais revoltado e não se queima nos ares que o astro abraçou.

Emquanto a graça lhe recurva o cimo, do qual trasborda o viço copioso, como o jorro das fontes abundantes, endureceu-a estranha robustez. Despojada de adornos e riquezas, em singela nudez de quem se expõe resoluta e sem mancha á agitação, a palmeira encarnou a fortaleza de triumphante severidade extra-terrena.

II

Eram palmas viridentes os trophéus que cercaram o Propheta da Judéa, quando a

cidade santa o aclamava rei d'Israel, Messias enviado em nome e por vontade do Senhor.

Era um doce palmar, fertil e verde, aquelle oasis do deserto em fogo onde, bebendo refrigerio o peregrino, se lhe renovou o sangue e reanimou para proseguir, sereno e confiado, na estrada calcinada pulverulenta.

E, quando o santo dorme no seu tumulo, aureolado de sonhos a adejar, como nuvens banhando d'esplendor a fronte que entreviu anjos e céus, as mãos emaciadas do martyrio apertam sobre o peito a palma austera, signal e recompensa do soffrer. A vida inteira, torturada, febril e lacrimosa, foi somente para merecer de Deus sobre a mortalha o escudo supremo, derradeiro, que alli sublima e sagra o pó e a cinza do corpo miserando redimido.

III

Assim, no meu caminho, sempre encontrei a palma a par da gloria: ou fosse entre corações humanos inflamados nas visões de grandeza e de victoria; ou levantasse um templo á luz, ao sol e á terra, cantando e derramando a fecundidade entre areias estereis requeimadas;

ou consagrasse o delirio divino de pureza, que consumiu nas chamas do Espirito um punhado de materia transitoria.

E assim tambem no meu caminho eu a deixei, gravada em azul sem nuvens dos espaços, a scismar em gloria contemplando-a, sem que a accordasse a voz do Desengano, ou chorasse a Miseria, ou a vergasse o peso do Peccado e a Penitencia das illusões e erros e remorsos.

A gloria! Vôa para ella a alma da palmeira. Passa o vento do sul e, se encontrou as palmas rebentando dos seus feixes, as palmas oscillaram e sem tardar, por encanto da sua vibração, resplendem visões de gloria e cresce o enlevo — quem sabe? ... talvez por nosso mal, talvez traíndo redemptores juramentos de humildade.

bibRIA

VIGILIA DE MANSIDÃO

*Hoc pinguem et placitam Paci nu-
tritor olivam.*

VIRGILIO, *Georgicas*, L. II.

Tu deves cultivar as oliveiras que
são queridas da paz e são fecundas.

I

Silenciosas, espalhadas na veiga e nas encostas, em vigilia contínua, as oliveiras rezam, supplicando aos céus e ao mundo a mansidão.

« São amadas da paz e são fecundas ! »
Assim, n'estas palavras breves, o poeta deixou traçada a alma dos apóstolos que a terra consagrou nas oliveiras.

Como a nuvem d'insectos atraídos á luz que os deslumbra e cega e os captiva até mesmo morrerem abrasados, a imaginação dos homens precipita-se a esvoaçar em volta da oliveira.

O povo de mais fina cultura recordada nos archivos da historia e tradições adorou com fervor as oliveiras. Ninguém como o atheniense as respeitou; ninguém tão confiado as invocou; ninguém mais firmemente viveu crente na fortuna da sua protecção. Os sacerdotes que serviam Jupiter, usavam sobre a fronte um ramo d'oliveira. Em lembrança da gloria de Theseu, todos os annos Athenas mandava a Delos um navio cujos adornos eram d'oliveiras; d'este modo, entre ramos da arvore sagrada, transportava para alli os enviados, os ministros que tinham de servir nos sacrificios feitos em louvor d'Apollo. Epimenides pediu apenas o ramo d'oliveira, em paga dos beneficios que prestou á cidade invadida pela peste; e Mileciades, vencedor em Marathona, igualmente só queria em recompensa um ramo da oliveira consagrada, que, por ser premio excessivo, lhe negaram. A lei era severa para aquelles que causassem algum mal ás oliveiras. Os espartanos, assolando a Attica, pouparam qualquer offensa ás

oliveiras, por temerem castigo e punição que certamente os deuses lhes dariam, se caissem no impio desacato.

O romano prohibia empregar em uso vulgar as oliveiras; só nos altares podiam ser queimadas.

Propheticas, ensinando, servas fieis dos templos de Minerva que, segundo o mytho antigo, as fez surgir cravando em terra a lança; luminosas, pelo oleo resumado dos seus fructos: as oliveiras cercam a cidade, e não haverá castellos formidaveis ou legiões ousadas que mais valham para sua fortaleza.

bibRIA

Porém um dia, a oliveira, palladio da cidade, sua gloria e encanto e sua defeza, desceu do Olympo para se erguer á beatitude; e a robustez serena foi sagrada pelo martyrio, nos montes da Judêa. A dryade, sorridente, airosa e sã no seu vigor, entristeceu-se; e sobre a tunica deixou cair o véu de penitente. A divina pagã, filha da terra, repassada d'alentos onde ha fragilidade, hesitação e quêda, santificou-se pelo soffrimento, seguindo compassiva os passos do Calvario e alcançando na dôr a eternidade, a aureola celeste.

Depois de ensinar no templo, Jesus Christo costumava sair á noite, a repousar no monte a que as oliveiras davam o proprio nome ; e entre ellas, escolhendo-as para recordar aos homens a verdade, disse as palavras de fé que o tempo e os seculos jámais conseguirão emudecer. Na vigilia sublime em que, tremendo, confia ao Pae a vida e morte do seu corpo, pois o espirito ha muito lh'o entregára ; quando veio encontrar adormecidos os discipulos, fracos, seduzidos pelo allivio mortal do somno e esquecimento, emquanto o Mestre implorava do Senhor animo e força para accetar a cruz da redempção ; Jesus proferiu perante as oliveiras a lei pela qual a alma se resgata da impureza do mundo : — « Levantae-vos ; orae, para que não entreis em tentação ».

E, desde então, nas comas da oliveira ficou pousada a pomba espiritual, que só pelo respirar lento e suave, n'uma calma profunda e salvadora, annuncia e propaga a resignação.

III

A paz ! a paz !... Palpita no olival calado e humilde, sem que elle ouse dizel-o livremente, receiando talvez atrai-

çoar pelo rumor leve a prece dos seus votos.

E, se o vento correr impetuoso, não ha-de ter lamentos de desgraça como a floresta lugubre, gemendo, ou como o pinheiral vibrando as cordas tristes da lyra possuida de queixumes.

Quando o vento passar, as oliveiras mal suspiram doridas, e sem demora apressam-se a voltar áquella immobilidade augusta da vigilia, na qual estão guardando, attentas, carinhosas, brandura, placidez e benignidade.

Onde uma oliveira cresce, haverá uma ermida implorando dos céus a beatitude; e onde ellas se juntaram, inunda o chão uma fonte lustral do odio vil.

Por isso, certamente, será perfeita, perenne, incorruptivel, a « gloria de belleza e mocidade » que um poeta lhe encontra na folhagem, « azul e pallida como um mar d'estio, se ao sentir a briza se agitou ».

A paz! a paz!... E' o sonho da oliveira, e sonhando subiu ao paraíso pelo qual o coração vive anejiado.

« Tu deves plantar as oliveiras, que são queridas da paz e são fecundas ». Escuta, aprende alli esse mysterio que é o resgate do mundo e da tormenta — bondade e luz, a mansidão fecunda.

bibRIA

SORRIR DA MÁGOA

I

Para chorar a mágoa e a resgatar pela graça de dulcíssima humildade, por um sorrir bondoso a toda a sorte, foi povoada a terra de salgueiros, em toda a redondeza, do Senegal ao pólo, e das planícies rasas, espraçadas, até aos degráus mais altos do Hymalaia, onde em face da neve se encontrou a derradeira folha e uma flôr.

Emquanto os alimentam a agua dos rios que o sol aquece e alegra em longas horas, são copiosos, grandes, magnificos, no tronco forte e nas ramagens bastas; e conforme sentem frio, gradualmente, vão minguando de estatura e amplitude, em tal docilidade ao ambiente, tão faceis no transformar da forma e do character,

que pelos montes da Escossia produziram especies, como a herva, rastejando.

A condição diversa, todavia, jámais lhes desencaminha e turva a aspiração. Ou saciados na veiga humosa e funda, ou entregues á pobreza de paúes, represados no monte entre juncaes a que succedem urzes torturadas, nunca os salgueiros negam seu destino, a vontade de quem os enviou a abençoar uma isenção constante de gloria e o vago enlevo na melancolia. Ou frageis ou robustos, terão sempre aquella flexuosa gentileza que na agil maleabilidade traduziu um cantar de harmonia e submissão. Serão apenas nuvem que pousasse, sem se afferrar á terra, e prompta a erguer-se, se a briza a desfizer ou agitar, revelando-lhe o fulgor doce dos véus.

Dureza de vencer e resistir, a ostentação da força e do dominio, a energia tenaz de quem conquista, assoberba e está seguro: — não tiveram morada no salgueiro sonhos d'orgulho, que tarde ou cedo as podridões convertem no desgano da caducidade, rigorosa, fatal, inevitavel. E vergando, se a rajada do vento o quiz prostrar, preferiu render-se, escravo obediente, a lutar cruelmente e padecer a tortura das arvores partidas que apóz

o temporal e o raio ficam no campo, destroçadas, dispersas, o tronco dilacerado e os braços nús, — labéu de maldição inutil e mesquinha aos elementos rispídos sem piedade que, por castigo da jactancia ephemera, lhes derrubaram frondes luxuriosas.

II

Ainda vem longe abril e a primavera; ainda os botões não ousam affrontar o frio da manhã que encontra o prado entorpecido em gelo e nos orvalhos!... E os salgueiros cobriram-se de sêda, de flocos luzentes e macios, onde a flôr minúscula se occulta.

Despiu-os da tunica setinosa o vento, e em breve, esfarrapada, ella se perde na humidade dos campos que a desfaz. Mas cessou por um instante a aspereza do inverno, sentindo os mensageiros da doçura, que deixam no rasto breve a claridade do affago indulgente e redemptor. A neve ha-de voltar; volta a frieza que esterilisa e queima e não permite o crescer dos renovos e a verdura. Já porém nos salgueiraes cantou a esperança, e em todo o ser se avigorou firmeza, para accèptar paciente o tempo adverso.

III

Se alguém lamenta a sorte do salgueiro, que sacrifica assim á vehemencia do rigor invernal a delicadeza d'uma flôr gerada na brandura e na brandura aberta e consumida, desconheceu-lhe a alma e a inspiração.

Nasceu para nos embalar n'esse murmuro que, soffrendo a braveza, lhe insinua a caricia e ternura conformada com a existencia breve e a propria morte, — unção angelica entre visões crueis, como estrella d'amor entre a tormenta, traçando na lembrança a via lactea d'uma melancolia etherea e salutar.

A FLOR NA ANGUSTIA

I

Temeu os espinhos quem amou as rosas; e quem prolongadamente respirou lethiferos aromas dos jardins, sentiu desfallecida a consciencia e quebrado o vigor de todo o corpo.

Obedeceu a Satanaz a flôr e, ungiendo e captivando pelo perfume ingenuo da innocencia, transviou da ventura os que a adoraram e conduziu-os ás penas infernaes, quando lhes promettia enlevo e o paraizo? Mentiu na ostentação de uma doçura que, tentando á delicia, insinuava um morbido lethargo e a dôr aguda das carnes dilaceradas cruelmente?!...

II

Como em nossos corações, em cada flôr sonhou dominar-lhe o seio a Perfeição

e não quiz a Fraqueza consentir-lhe que destillase balsamos e luz sem se turvar de sombras e de manchas, lançando a amargura e o mal na candidez e na vibração etherea a mais suave. Um destino sinistro ordena á flôr que ensanguente em espinhos quem a afaga e amorteça, envenenando, quem a beija.

III

Retribui o amor com o soffrimento ! ... E na angustia, chorando a fatalidade que lhe desvanece a esperança de realizar translúcida pureza sublimada, ergue da terra aos céus o seu lamento :

— Senhor ! Para que me deste a graça, se m'a roubas quando eu fielmente a semeiava ? ! ... Para que pôr na minha face côres d'aurora, se tinha d'accordar a maldição d'aquelles que involvesse o meu alento ? ! ... Para que visões de paz e claridade, se, voando para ellas confiada, rasguei feridas sangrentas e lancei filtros de morte em peitos que pulsavam, contemplando-me no ardor e extasi ? ! ...

— Escuta, diz a terra consolando. Não seja blasphemia a tua suspeita. Aceita a condição mortal que é lei da vida. Não queiras converter n'um impio orgulho so-

nhos de perfeição que te alimente e guie e divinise. A propria angustia te exalta a aspiração. Ai! Não soubéras tu mortificar e não te mortificassem o aneio aves negras do mal que te acompanha e has-de servir, e nunca saberias o que vale um passageiro alento de pureza, para salvar de penas e de culpas a alma magoada de miseria, quando desce dos céus e amargamente se sente enferma, fragil e mesquinha!...

bibRIA

bibRIA

GRITO DO VENCIDO

I

Manhã d'inverno!... Repouso!... Na vida quasi extincta ha um alento de paz que vale a gloria! A propria natureza tão ardente pareceu louvar talvez n'estes momentos o dormir prolongado e fundo da sua força.

Ha nos lenteiros aguas congeladas. A custo as rompe o canto do ribeiro, atravessando o prado endurecido.

Ao descer da montanha, entre urzes brancas, como o gelo pousado em derredor, vi caido na terra e na humidade o roble que o temporal emfim vencendo derrubára, rendido á violencia do outomno, quando ha pouco invadira impetuoso aquelle azylo de sombra e de silencio. Intemerato e forte e orgulhoso, combateu

para alargar o seu dominio; e cresceu, cresceu alto e inabalavel, affrontando as mais rijas tempestades durante innumereis annos de conquista.

A velhice, porém, funestamente, corrompeu-lhe nas veias a energia. Alquebrou-o. Succumbiu.

E a arvore mais antiga da floresta jazia agora humilde, tão rasteira como a mais humilde irmã do seu claustro. Amortalhada em musgos, — já a esmaltavam! vae perder-se na dissolução sagrada d'essa mãe em cujo seio bebeu toda a grandeza.

bibRIA

Voltei na primavera á floresta e segui o caminho onde em dezembro tinha encontrado o roble prostrado. Queria saber se em paz elle dormia o somno da sua morte heroica de athleta, ou se a miseria humana não preferira que para aquecer o lar se desfizesse em calor generoso e em cinza pura.

Lá estava ainda no leito em que o deixára!... E de longe pareceu-me abandonado dos anceios e seivas palpitantes que outr'ora o dilatavam na soberba, amesquinhando aos pés a multidão d'ar-

bustos frouxos, debeis, prisioneiros da sombra inimiga, avára do vigor.

E considerava a sorte de grandeza!...
« E' pó que em pó se volve! ».

E considerava a esmola e a caridade!...
A doçura fulgente d'esse musgo que tão suave e prompto se apressará a cobrir a fraqueza e a enfermidade, occultando na renda setinosa o decair da vida em podridão!

Mas da ruina erguiam-se renovos; de toda a arvore vinham rebentando vergon-teas purpurinas e sadias. Do vencido re-nascem legiões.

Dilacerado, ferido, condemnado a beijar o relvado mais rasteiro, multiplicou-se o roble e resurgiu nas hastes que em pujança alli promettem vingar-lhe a morte, avas-salando a terra onde repousa quem lhes transmittiu impulso e geração, o sonho e a fórma.

E esse grito de dôr que a arvore sol-tou, tombando do throno luminoso na desgraça, vae a affastar-se e baixa esmore-cido. Ouvem-se agora gritos de triumpho que um bando viridente leva aos ceus:

— « Louvae a primavera! » clamavam.
« Louvae a eternidade do Senhor que res-titue todo o vencido á sua graça, á vida, á flôr e as corôas de verdura! ».

bibRIA

A FLOR ESCRAVA

Entre loureiros negros de pujança, empallideceu de frio a magnolia, que com elles bebe e se embriaga na mesma taça de verdura funda, quando o sol lh'a offerece, copiosa e quente. Rendida, inerme e muda, sem defeza, ao capricho que a arrancou das Indias de Colombo, sobre o Atlantico, soffreu sentindo a gelida humidade do inverno, longos dias afogada em noite e névoa e chuva e bruma e em lethargia da seiva minguada e queda, na oppressão da atmospheria hostile ao palpitar.

O louro, protegido por antiga robustez experimentada, em toda a estação ingrata permanece com o aspecto que tinha no estio. Sómente agora pára de crescer,

esperando o volver da primavera, na segura tranquillidade de quem sabe que atravessará incolume a dureza.

Mas treme e enferma a magnolia estranha. Um receio de morte, atrophando-a, talvez uma saudade, descorou-lhe a folhagem e feriu-a para sempre, deixando em testemunho escuras manchas, folhas eivadas de decrepitude, que jamais se reanimam, condemnadas.

Por isso na espessura, em horas de agonia e desventura, suspira doridamente os seus lamentos a desterrada d'uma doce patria que se vê errante em montes despidosos.

Por desgraça da propria formosura, tão cobiçada foi que é prisioneira da febre de gozar e aidez das almas sequiosas de deleite. E atravez do soffrer, quando um bafejo lhe descerrar em estrellas alvacentas os botões resguardados nos foliolos setinosos e fulvos, rehavendo o vigor a magnolia soltará do seu calice abundante a oração e o perfume que soltava na terra onde a aventura a foi buscar. Escrava, não recusa um sorrir de benignidade a quem barbaramente a arranca e leva do sólo onde primeiro se gerou e por condição, ha seculos sem numero, vivia enraizada e propagando-se.

Pagou a crueldade com amôr!... Na sua aspiração, não conheceu outra lei além d'essa de bondade.

Que importa escravidão ou liberdade?!...

Servir em pureza e graça, em flôr, em refrigerio e sombra e encanto e suavidade, emquanto a vida alenta e cria a seiva; ou, se a persegne a morbida estagnação das aguas persistentes, morrer n'um calmo perdoar da pallidez, renunciando ao sangue ardente e seus tormentos, ainda antes que nas veias cesse o movimento: — foi tudo o que a magnolia escrava soube e realisou.

Que evangelho tão breve, humilde e santo! Como em pouco transpôz córos angelicos!... Assim o peito humano o aprendesse! Podesse o coração ser-lhe fiel!...

bibRIA

FILTROS DE MORTE

I

Na *Historia das Plantas*, o naturalista grego refere que pela Gedrosia, provincia persa, riquissima d'aromas, segundo a tradição antiga alli acceite, crescia uma planta de folhas de loureiro, fatal aos animaes de carga, tentados a proval-a no correr da jornada; por pouco que a tozassem, caíam mortos, quasi subitamente, convulsos, epilepticos. E mais dizia, observando o perigo occulto nas plantas, que n'aquellas terras igualmente se encontrava uma especie d'espinho cujas hastes, saindo d'uma cepa unica e sem folhas, se cobriam d'acerados aguilhões; e, quando se esmagassem ou partissem, deixariam correr em abundancia um succo, do qual uma só gotta era bastante para cegar os olhos sobre que caísse.

Ainda creança, ouvi que antigamente, na cidade mais culta do universo, multidões desvairadas por vileza condemnaram á morte um justo, um homem bom, um sectario da pobreza voluntaria, asceta e nobre, cuja vida sómente se guiava pelo amor da verdade e pela paixão de a ensinar aos moços seus discipulos, na esperança ardente de propagar aquella luz divina. Para calar a voz d'esse propheta, por um feliz destino engrandecida, alargando-se depois de seculo em seculo, no perpetuo succeder das gerações; para lançar á podridão dos vermes o peito em que incarnára a força do Espirito, foi carrasco a planta, que nascera gracil, viridente, como involta em sorrisos e ternura. Na seiva da cicuta insinua-se um veneno poderoso; foi esse que prostrou o atheniense e desprendeu do corpo corruptivel a alma anciada pela eterna paz e pelo resurgimento na gloria e esplendor que o mundo lhe votou.

Um tão grande poder ha na mandragora, tão maligno genio alli habita, que para lhe fugirmos prescreveu a lenda severo ritual minucioso. No desprender-se da terra solta um grito, um queixume terrivel de ameaça, e tem de acautelar-se quem se vir coagido a procural-a. Deverá ser

arrancada á meia noite; e que um cão negro a arraste para fóra do logar onde cresceu, pois se qualquer vingança houver da planta ferida, o cão a pagará com a propria vida, offerecendo resgate, d'este modo, aos homens empenhados em colher o veneno da mandragora.

Pelos campos mais quentes e fecundos, onde se cria o pão alvo e puro, leite da terra mãe e sacramento, alimento e symbolo, sustento corporal e imagem religiosa; entre as ondas propicias da seára erguem-se espectros brancos de papoulas, n'uma anilada tunica, em que envolvem os perfidos venenos. Quem os bebeu, dormiu tranquillamente e julgou descobrir na embriaguez a salvação das tormentosas dôres do mundo ingrato. Mas á paz succedeu logo o delirio, transmudando-a em sonhos e visões incomparaveis. E em taes sonhos a energia dissipou-se, afogada na morte tenebrosa.

II

Ao escutar legendas medievaes ou lendo a narração do viajante que, para auscultar attento a natureza e a interrogar de perto, percorreu ignoradas regiões lon-

ginquas; ou aprendendo a historia dos prophetas que, sem temer martyrio e pro-vações, soffreram, mostrando aos homens a Verdade e o caminho seguro que conduz á communhão na consciencia eterna; ou escutando o canto das seáras, a respirar doçura e caridade, emanação augusta da Bondade, disseminada em todo o movimento e em toda a alma, activa e fertil, poderosamente; n'esse tropél da insondavel criação que só se subordina á Vontade omnipresente da Harmonia, a planta mais debil e a mais linda, assim como a mais aspera e endurecida, mostrou-se-me sujeita por seus fados a conter seivas funestas na verdura.

Quer meditasse nas acções dos homens, quer contemplasse a terra no pulsar liber-rimo, senti filtros de morte, procedendo até do calice da ingenuidade.

III

Portanto, foi illusão a innocencia da flôr?!... E' traiçoeira a essencia crystallina onde, religiosamente deslumbrados, tinhamos visto a hostia da pureza?!...

Nem o grito das victimas convence. Obra divina! diz o coração, repetindo

sacratissimas preces que murmura perante a agitação dos astros e da terra.

E amamos no seu mysterio a flôr mortifera, sacrificio consumado em candidez, a morte sem o sangue e sem o odio.

bibRIA

bibRIA

PROPHETAS DA ALLIANÇA

I

Quem viajou nos tropicos conhece que, entre a estructura robusta das florestas, vagueiam bandos, multidões densissimas de plantas entretecidas nas mais fortes, aproveitando-lhes a firmeza e o succo para expandir a trama absorvente. O fuste da palmeira, por certo destinado a ostentar alto e limpo, á luz de todo o sol, a linha do seu córte, muitas vezes se perde derubado pela trepadeira que o envolve e occulta; e outras é pasto de parasitarias, que se enraizam nos intersticios lentos da sua casca, onde o vento deixou poeiras d'argila, e o musgo e as folhas mortas fragmentadas constituiram o humus, proprio á phantasia das orchideas frageis e á delicadeza aerea das avencas.

Essas plantas fracas e voluveis, que não souberam alimentar-se sobre o pó mineral nem formar solidas hastes resistentes, supportando, sem tortura e sem esforço, o peso de folhagem, virão pedir á arvore e aos seres vizinhos apoio e nutrição.

Partilham da riqueza das irmãs, e hão-de pagar-lhes o quinhão de bens, enriquecendo faustosamente aquellas mesmas que lhes deram vida. Ora esmaltam de flores a obscuridade do docel que na altura as arvores fecham; ora, buscando luz, sobem e afogam, pela arte das suas espiraes e pelo vigor dos braços e raizes, a espessura totalmente dominada. Suspensas ou lançadas d'arvore a arvore, qualquer pequeno esteio, a encosta abrupta e o ramo mais delgado, são quanto basta para as desdobrar n'um manto de verdura, panejando moroso sob a aragem, ou para as erguer acima das mais óvantes e nutridas comas.

II

O sacrificio do lenho á trepadeira e do tronco vencido á parasita, ou, antes, a união da flôr á flôr, prendendo e sujeitando mutuamente a maior fortaleza á debilidade e a grandeza opulenta a uma

avida indigencia, esse caudal de formas e de seivas confundidas, que nos tropicos forma uma torrente, mingando de força emquanto desce do equador ás regiões polares, é todavia lei universal para toda a terra que a planta habita.

Ha-de involucrar-se a vinha nos carvalhos, associando o delirar bacchante ás corôas de victoria inquebrantavel. Os salgueiraes viçosos, se a fortuna lhes deu as grinaldas, curvaram-se sob o fardo perfumado quando, estreitando-os, lh'o impõe a madre-silva. As heras debruçadas nos penhascos, vestindo os granitos infecundos d'uma abundancia fertil, magnifica, converteram durezas em pujança e deram coito ameno á ave e ao ninho onde antes imperava o desamparo e uma severa e fria esterilidade; e aquella mesma planta, que assim foi caridosa, agitada nos ares como um pendão das eternas promessas do Senhor, da vida renovada e perenne infinitamente, aquella mesma planta leva a morte, — ditosa e bella morte que encontrou por mortalha e carpideira uma verdura intensa e duradoura! ao choupo e ao cedro, se, cravando a raiz sobre o madeiro, os assoberba e priva de respirar.

III

Longos annos soffri ao attentar n'esses vaevens d'arrojo e submissão em que frequentemente a trepadeira prostrou desfeita a arvore nobre e antiga. E lamentei a agrura do destino que por tal modo deixou abandonada á invasão das legiões dos pequeninos a majestade augusta dos titans, aguerridos na lucta e vencedores em assaltos tremendos dos invernos.

Talvez julgando-as um martyrio injusto, cortei as heras que cercavam o roble e promettiam no correr dos annos destroçar os renovos e aniquilar a pulsação da seiva vigorosa.

Agora, hesito. Não seja o meu querer desobediencia á vontade omnisciente do Senhor! Não seja a providencia humana uma cegueira!... Trepadeiras e heras são prophetas, ensinando-nos leis d'essa alliança que por amor ordena a fusão d'uma vida em outra vida, o sacrificio do infimo ao maior e do maior ao infimo, felizes ambos, ambos exaltados na aspiração suprema de crear.

GENIOS SALUTARES

I

Não consentiu a flôr o predominio de nefastos poderes dentro do seio. Onde elles habitaram, transformou-os, miraculosamente, em apóstolos caridosos, bemfeitores. Assim, o terrífico genio da mandragora converteu-se em missionario de ventura.

Diz o *Genesis*: « Pelo tempo em que o trigo se ceifava, veio Ruben ao campo e achou mandragoras, as quaes trouxe a Lia, sua mãe. E Rachel disse a Lia: « Dá-me parte das mandragoras de teu filho » ».

O erudito, interpretando a passagem, commentou: — « Ruben era então um rapazinho, que não teria mais d'alguns seis annos, e muito provavelmente foi lavado apenas pela belleza das flores; mas n'aquella epoca de superstição e contos de fadas, a

mãe considerou o facto como se o filho encontrasse a planta por um favor especial de Deus á mesma mãe, suppondo-se que era encanto a mandragora e possuia toda a especie de qualidades milagrosas. Rachel pediu á irmã parte das flores; e mais tarde, vindo-lhe um filho, por mercê de Deus, Rachel pensou sem duvida que a graça de ter tido a creança amada era devida ao encanto e magica influencia das flores de mandragora ».

Que virtude mais alta queriamos do que a de ter banido a esterilidade?! E a mandragora, a herba venenosa, para a mostrar em toda a plenitude, venceu intimamente os seus demonios e coagiu-os a servir almas fecundas.

Era esta a mesma planta, temida e mysteriosa, a que os romanos tributaram tambem cuidado e crença. Para a tirar da terra, traçavam-se tres circulos com a espada em volta da mandragora, estando os assistentes de costas para o vento, durante essa cerimonia; voltavam-se em seguida para o poente, e arrancavam-na então, sendo depois usada e apreciada como um medicamento energico, pelo poder narcotico e reconstituente.

A duplicidade da mandragora tornou-a um máu feitiço para os godos, emquanto

era querida entre gaulezes como fada propicia, « mão de gloria », no dizer vulgar, portadora de bens e de fortuna.

Demandava, todavia, grande zelo para produzir riquezas. Quem a encontrasse, estava obrigado a dar-lhe alimento, ou pão, ou carne, ou qualquer outra cousa que a mantivesse, repetindo em cada dia a mesma quantidade e especie, sob pena de morte, se atraçoasse esse dever imposto pelo singular achado. Em recompensa, cada ceutil que houvesse dispendido, recebia-o sem demora em duplicado. Alguem enriqueceu, por effeito d'aquella « mão de gloria », se é verdadeira a fama que ficou sobre a confusa origem de thesouros dos quaes fôra senhor.

Phantasma tenebroso, malfazejo, cruel e vingativo; redempção d'uma triste esterilidade; feiticeira indulgente, distribuindo o ouro cobiçado pela ambição mundana: — todo o poder nefasto da mandragora se dissipou no diverso correr dos tempos e das raças, e acabou resplendendo em beneficio, preparando-a para destinos de estremado amor.

Singelamente, um livro antigo aconselhava: — Quando um doente se sentir em angustia, beba a poção de raiz de mandragora fervida; e ella porá remate

ás suas penas ; e, se tem de soffrer o tratamento de uma ferida profunda ou a amputação d'um braço ou perna enferma, adormeça as suas dôres com a mandragora.

Repetindo o conselho, acrescentava piedosamente quem o descobriu em velhos pergaminhos :

— « Todas as cousas vivas suspiram por ostentar á luz a face de bondade ; e agora sei que até esta planta de magia, sobre a qual pesavam seculos de opprobrio, não ignorava aquelle Segredo de Perfeição, murmurado na aurora orvalhada por todas as vozes da natureza ».

II

Affirma o Zend-Aventa :

— « Cura-se pela lei ; cura-se pelo cutelo ; cura-se pelas plantas ». « Ahura Mazda creou, pelo menos, uma planta para adormecer cada doença ». « E eu, Ahura Mazda, trouxe as plantas que curam, por centenas, por milhares, por myriades », para resistir á doença, á morte, á dôr, á febre, e « á podridão e impureza que Angra Mainyu creou contra o corpo dos mortaes ».

E essa voz que nos veiu do Oriente illuminado de luz e poesia, do fulgor ardentissimo do sol e da exaltação celeste do Espirito não menos abrazado, encontrou no Occidente éccos perfeitos que a repetem com uma igual devoção e fé igual.

A Grecia poz no altar a morbida papoula, consagrando-a a Morpheu, o deus do somno. Tinha-a na mão; e, se queria induzir em sonhos leves, bastava-lhe tocar a fronte dos eleitos com a sua predilecta flôr mysteriosa. Atheneu julga que a cidra é cura e preventivo na propria mordedura de serpentes. Na escola de Salerno havia um distico, elogiando a salvia e confirmando a salutar reputação de que gosava.

A historia da humanidade é testemunho de quanta verdade encerra o Zend-Avesta, assegurando que « de tudo o que cura, o que mais cura é a palavra divina; mas, como á doença tambem cabe uma parte terrena, havemos de recorrer para a subjugar ao remedio extraído das plantas ».

III

Retarda a tua jornada, viandante, desattento aos deuses bons que te acompa-

nam pela estrada coberta de verdura! Na mostarda, no linho e nas altheas, na esteva, na macella, nas papoulas, e em mil outras flôres humildes, rastejantes, a cada hora passas indifferente pela habitação de genios salutaes. Antes de proseguir, curva-te orando! Ergue aos céus um olhar de gratidão!

E tu, ceifeira, que cortáste a malva e a deixaste calcada no estabulo pelos teus gados fartos e nutridos! Traduziste em desprezo a ignorancia da seiva compassiva, cujo vaso partiste e tens desfeito no labor violento da tua faina. Se a souberes invocar, receberás d'essa haste frouxa, prompta no murchar, um balsamo para a mortificação do corpo enfermo. Não a esqueças nas contas do rosario! Guarda uma d'ellas para saudação ao genio da planta salutar!

VIRGENS FIADEIRAS

I

A suprema pureza da planta está na alvura do linho, de que o levita d'Israel se cobre, para assistir ás orações do templo.

Ezechiel e o *Exodo* ordenam que as vestimentas para o sacerdocio, as que Arão e os filhos teem d'usar para servir dignamente nos altares, com « gloria e decoro », serão de linho fino retorcido, oiro, jacintho, purpura e escarlata tinta duas vezes. « Quando os sacerdotes e levitas entrarem os portaes do atrio interior, vestirão roupas de linho; e não lhes é permittida sobre si cousa alguma de lã, ao exercer funcções do seu ministerio, nas portas do atrio interior e além d'este, dentro do sanctuario ».

A « mulher forte » dos *Proverbios*, aquella « cujo preço excede tudo o que vem dos confins da terra mais remotos », vestia-se de finissimos linhos e de purpura, comprados, é de crêr, n'esse emporio da famosa Tyro, onde o mercador o venderia, segundo o Propheta indica, ao chorar a ruina da cidade, lamentando apagados esplendores.

Na India, o linho branco, de que alli tambem se veste o sacerdote, como no Egypto, na Asia Menor, em Roma e em toda a christandade, essa tunica que a igreja chama a *alva*, d'este modo designando a sua essencia e quanto significa na oração; na India antiga, o purificante véu de claridade não foi apenas uma obra humana, devotamente consagrada ao culto. Foi criação d'altissimos poderes, isentos das fraquezas e das manchas com que o sangue corrompe a vida ephemera.

Ao alvorecer, o indio viu no céu uma téla luminosa e tecelões. A aurora, a divina esposa, estava então urdindo em linho as vestiduras do esposo, o sol.

Na imaginação do povo, o linho fino tal encanto alcançou que, traduzido em lendas numerosas, chegou a possuir as faculdades proprias das fadas boas e propicias; assim, podia fabricar largos vestidos que, sendo

muito amplos, se encerravam no cofre pequenino onde se abriga a amendoa da avelã.

Mas sobre o mar anima-o uma outra alma, d'ousadia, robustez e aventura. O véu de candidez, aquelle que foi severo interprete religioso e em horas sorridentes afagou o devaneio da ingenuidade, esse mesmo incarnou em corpo heroico e, desdobrando a véla e resistindo nas cordas retezadas sibilantes, levou a salvamento entre procellas as vidas confiadas á incerteza dos barcos leves, postos sobre as ondas.

Levita e temerario luctador, tendo servido os deuses entre o incenso perante a multidão prostrada supplicante, e vencedor do vento traiçoeiro em tormentosas vastidões cerradas; poeta eleito do povo e criação do visionario extatico do Oriente, foi humilde e singelo, quando desceu ao lar dos seus carinhos. Para embranquecer o berço da creança e a envolver d'uma frescura angelica, e para pensar as feridas do doente, ao qual concede repousado allivio, o linho esquece a gloria d'outros reinos e ama sómente essa outra mais querida, a gloria do affecto em que se enleva.

E' que o linho tambem tem redempção; e abdicando, descrente, da energia, prefe-

riu talvez a aureola do santo á dureza dos louros e ao fulgor do sacerdocio que a mentira empana.

II

E n'um soido aspero ouve-se a rocca, e a dobadoura canta cadenciada, e os dedos enrugados da velhinha desfiam nuvens, como pombas brancas, expondo o peito aos raios da manhã!...

São lithurgia que celebra o linho. Nunca a houve mais dôce e mais sagrada! Canta louvores ás virgens fiadeiras, reclusas do prado que fiaram fios de neve dentro da planta, no carcere verde, occultas, sob a epiderme, livres de vêr o sol e seus ardores.

Fiae n'esses claustros de esmeralda, fiae o linho na suprema alvura, castamente, sem mancha, entre seivas divinas distilladas da madrugada limpida e clara! Não haja alento ruim que o escureça!... Para que elle amortalhe na pureza o peccador caido em corrupção.

LEVITAS DO INCENSO

I

Para despertar a alma entorpecida e avigorar os corações inertes na frieza ou macerados no peccado amargo, creou a terra levitas do incenso, portadores dos thuribulos sagrados onde o aroma arde e se dispersa, apóstolos da energia redemptora d'aquella mãe fecunda que os envia.

E, dilatando a força e o benefício, os apóstolos baniram impurezas, confundidas, desfeitas, esquecidas ao perpassar dos fumos invisiveis pelos quaes no seu mistér vão transmudando venenos pestilentos em perfume.

Onde o espirito humano se arrebatava em gloria que não é d'este mundo, na visão da eternidade angelica; se por bravura, amôr ou extasi de belleza e contemplação

esquece o corpo e sóbe, pura alma, á divina presença do Senhor, invocou os levitas do incenso. Ha-de a ligeira graça do aroma espalhar mais distantes e mais altos os cantos de louvor e gratidão que do peito dos homens vão aos céus.

N'uma escultura antiga posta em Deir-el-Bahari, entre as coisas preciosas que Hatasú, rainha do Egypto, trouxera para o reino, como despojo rico das conquistas em expedição feliz a terra estranha, na qual andára em guerra, vinham trinta e dois arbustos de perfumes, bem resguardados com o torrão em cestos, para os jardins de Thebas. Ahi, por experiencia, iriam plantal-os, tentando propagar os bens valiosos que mereceram fadigas aturadas para virem povoar de delicia a nova patria.

Os mercadores ismaelitas do *Genesis*, aos quaes José foi vendido pelos irmãos, conduziam camellos carregados de resina, de myrrha e outros aromas. O *Exodo* manda ungir a Arca e o Tabernaculo com oleos perfumados, em que hão de entrar a myrrha e o cinamomo. No *Cantico dos Canticos*, Judith perfumou-se para melhor seduzir a Holophernes, e Ruth procedeu do mesmo modo para captar o seu amado Booz.

Quando uma estrella mostrou aos Reis a estrada de Bethlem e os conduziu aos pés do Salvador, levaram-lhe o incenso e a myrrha e oiro, como julgando, no dizer do poeta, « que a fragrancia da terra o attrahia a deixar a habitação no Paraiso. »

O oiro, dizia ainda o canto do poeta, « era a offerta real de rei para rei; o incenso o tributo dos homens para Deus, — pois o culto dos santos subirá até ao throno do Pae todos os dias ».

Maria Magdalena, arrependida, ao confessar a angustia e a contricção, lavou em nardo os pés de Jesus Christo.

Depois, findo o martyrio e consummada a morte injusta d'esse mesmo Salvador, cujo sorriso fôra adorado enquanto era Menino, sentado ao collo de sua Mãe Santissima, voltou a myrrha a embalsamar-lhe o tumulto, trazida pelas mãos de Nicodemus.

No Olympo, a divindade revelava-se pela emanação augusta da ambrosia. Em Homero, os heroes usavam perfumar-se ao sair do banho.

II

Poder d'encanto! Subtil transubstanciação das formas e das cores na força subli-

mada, presente e activa, posto que impalpavel!...

Em todo o orbe passam missionando levitas do incenso infatigaveis, noite e dia a dizer a sua prece em mystica exaltação ininterrompida. Do pólo aos tropicos, da montanha á praia, das alturas de neve onde fallecem até aos mares que ameaçam submergil-os em espumas salgadas e mortíferas, os levitas, serenos, corajosos, vagueiam, convertendo o calice da flôr em taça de perfume, e descerrando a quem os adorar infinitas regiões de ethereo enlevo. Abetos, salgueirae e vidoeiros, os olivedos quentes prateados, o palmar enlelado em trepadeiras, — em toda a floresta se accenderam os fogos dos levitas do incenso.

Branca açucena consagrada á Virgem; violetas, lilazes e roseiras, flores da graça e tintas da saudade; o jasmineiro doce e o rosmaninho acre, filho do bravio; junquinhos de ouro; cravos sanguineos; a cilindra fundida em pallidez: — vem resgatar da dôr e de amarguras. Confiae no seu halito d'amôr!

Quem dormia opprimido em visões negras, accorda a respirar frescura e balmô! Quem enlouqueceu e soffre acorrentado ás ambições do mundo crudelissimas,

ha-de erguer-se liberto e renascer para a
alegria d'uma luz celeste, se o ungiram
levitas do incenso, se lhe bafeja a face a
madresilva ou se um vôo de rosas o pro-
teje, quando elle jazia semi-morto !

bibRIA

bibRIA

SEIVAS DE LUZ

I

No turbilhão dos sóes, no espaço infinito, a luz é um tremor intenso dos astros e do ether, vibração indomável, poder extremo e extrema subtileza, insinuando a vida com uma força herculea entre a mudez gelada da materia e sendo ao mesmo tempo tão delicada e leve na energia que, embora immensa no impulso e profundeza, deixa a illusão da mais fugaz caricia. E esse olympico ser, prodigioso pela destreza e imperio deslumbrante, dominio dos dominios, fonte suprema de quanto palpitou para se expandir em formosura, em pensamento, e amôr, deixou-se captivar nos doces laços das proprias creações. Depois de as têr gerado, confundiu-se involvida na substancia filha da sua alma, irradiada

na frescura da aurora e no crepusculo, no meio dia ardente e sequioso, e no esmorecer da tarde saturado d'uma humidade tepida e benefica.

A luz impetuosa e invencivel que, subjugando o cáos o modela em belleza divina, convertendo em espelho dos anjos a desordem, ao beijar a flôr adormeceu. Humilde e mansa, feliz e sorridente, repousando, como quem após jornada angustiosa encontra o berço, o lar e o seio apetecidos, encerrou-se nas seivas da planta, e só resurgirá para a liberdade quando o lenho incendiado a houver soltado.

Beijou as aguas. E o mar e os lagos e a neve reflectiram-na, prodigamente, loucos, incapazes, sem saber abrigal-a na morada.

Beijou a rocha. E a cerração da treva em que se aperta, recusou dar-lhe entrada. Impenitente, a rocha guardou a sua escuridão inacessivel.

Beijou a flôr, o musgo, a folha, a arvore e o prado. E a planta recolhe-a nos seus vasos, bemdizendo o thesouro que algum dia transformará em chamma, em brilho e caridade, calor, alento e guia de corações oppressos, anciosos pelo reino salutar da claridade.

II

Em premio da expontanea submissão, consentindo em ficar apagada e prisioneira na corrente da seiva e nos tecidos, a luz terá um altar e um templo em cada planta.

Reside n'um lethargo, e não extincta, na cellula que o seu raiar constituiu e está prompta a dissolver-se em cinza imperceptivel, para restituir á luz os vôos fulgurantes.

O madeiro enegrecido e morto ha longos annos, ainda que o revolver das lavas e torrentes o tenha sepultado sob os montes, irá accender-se em fachos d'alegria, quando chega o momento de pagar aos céus a luz que os céus lhe deram. O linho, o ricino, a oliveira, o sesamo da India, entre todos o mais abundante e rico d'esses bens, teem na semente as labaredas altas que derramam consolo e resplendor; o corpusculo, onde existe latente o germen da arvore e a haste da flôr, será tambem um calice de luz, se o contagio da paixão o incendiar.

Em toda a planta, como n'um sacrario, se guardaram particulas do sol. O roble, o pinheiral, o cedro, o arbusto e o zimbro,

torvelinhos de palhas sob a aragem, a mais delgada fibra d'um salgueiro, a pétala da rosa ; quanto é causado da união de sol e terra, consummada no crescer das plantas vegetando, ou seja delicado e fragil, um simples véu alado e transparente, ou seja robusto e forte, imagem de grandeza : — quanto se formou bebendo a vida em luz, ha de dar por seu turno a mesma luz, desaparecendo no sacrificio a quem o produziu.

III

A lampada da ermida silenciosa, zelando o santuario a horas desertas ; a queimada da fogueira que reanima o cavador quebrado de canseiras ; um tenue bruxolear dos hospitaes onde o enfermo soffre e é soccorrido ; nimbo alvos do berço sobre o qual a mãe se curva a amamentar o filho ; rubores da forja, clarões afogueados da officina, prolongando o trábalo pela noite ; o derradeiro archote que acompanha o cadaver levado á sepultura ; onde quer que a seiva se converta em chamma ; entre trabalhos, mágoas, caridade e esperanças : — em todo o respirar da humanidade que invocasse o auxilio d'uma estrella,

houve orações da terra para o Senhor, resadas pelo fogo, o sacerdote. E, levantando antífonas sagradas, o fogo glorifica o mysterio da incarnação da luz nas seivas da planta.

bibRIA

bibRIA

URNAS DE PURPURA

I

As côres que a nuvem espargiu em gloria, coando na sua alvura, o arco-iris, a divina polychromia da luz, como irradiada de sóes diversos, disputando o encanto de tintas infinitas, recolheu-a nas seivas a flôr.

E enviou pelo mundo a derramal-a apostolos d'esplendor, aos quaes coube em missão modelar e encher urnas de purpura.

Para que ahi seja animada a pallidez, se por ventura apeteceer trocar a doce melancolia da sua alma pelo ardor fulgente dos incendios.

II

O genio da flôr lançou na mesma taça a lagrima volatil dos incensos, a cellula

que se consóme em luz e claridade, e os filtros que trespassam e tingem a brancura. O açafraão, o anil, a ruiva e o carthamo são sacerdotes d'esse sacrificio, no qual a flôr e o prisma se confundem sujeitos a uma igual palpitação; e, em seguimento, vae largo cortejo de servidores modestos, cumprindo o mesmo voto e religião.

Uma gotta do suco da planta pôde contêr o azul do espaço mais profundo, o rubor sanguineo d'uma aurora, oiros fulvos d'estio, e desde a violeta esmorecida, em que os namorados põem as suas mágoas, até á luctuosa viuvez do roxo, pesado e denso, recordando as lagrimas de tristeza e desesperança.

As aguas crystalinas do regato e as que correm de fontes no granito, brotando, virginaes, entre rochedos, perderam a candidez e foram convertidas em rubis, saphira e ambar e ametista, se a urna purpurina da planta lhes entornou orvalhos da sua côr.

O linho e a seda, nascidos em pureza e graça de doçura, hão-de banhar-se em seivas, para prender o céu nas fibras brancas e lhes deixar vestigio dos multiplos fulgores do seu reflexo.

III

Ergueram os homens templos de marmore para morada e louvor da divindade; e, dentro do sanctuario, accumularam o alabastro, o jaspe, a malachite, o porphiro e os metaes. Querendo adorar os deuses, penetraram profundezas reconditas das rochas; e procuraram pedras diamantinas, fundidas nos brazeiros dos vulcões, que interpretassem o fervor da crença.

Orgulhosa cegueira transviada!... Pôz o culto no esforço e raridade, na conquista das cousas mais esquivas, quando uma só flôr creada na montanha bastaria para illuminar toda a oração.

Pois não ha côr do céu que a planta não tenha nos seus vasos distillada e não faculte aos homens sem disputa. Desde o rosado alvor do amanhecer até ao plumbeo aspecto das tormentas, todo o brilho a flôr nos dá em seivas coloridas para que, recebendo o seu tributo, o tribute-mos gratos ao Senhor, offerecendo-o a cada passo no altar que o nosso coração abriga e zela.

bibRIA

LEI SUPREMA

In the later part of last century we looked upon Creation as a process of Machinery; to-day we look upon it as an Art.

E. CARPENTER, *The art of creation.*

Na ultima parte do seculo ultimo, consideramos a criação como o trabalho d'um mechanismo; hoje vemos-a como uma Arte.

I

« Uma Ideia dominante anima a vida da arvore; persistindo, *formou-a*. Podemos talhar as folhas pelo modelo que escolhermos; mas sómente crescerão na sua forma propria. Podemos cortar um ramo; e vem

outro em seu logar. Tiramos um pequeno rebento; e esse mesmo leva consigo o caracter ou a intenção predominante, porque, se o plantarmos na terra, vem d'alli uma outra arvore de fôrma igual. E por fim podemos cortar a arvore, e a raiz e os ramos, podemos queimal-a; mas, se ficou uma unica semente, dentro d'essa semente, n'um ponto quasi invisivel, occulta-se o ideal formidavel que em condições proprias surgirá de novo para viver e se exprimir. »

Materia e Espirito são a apparencia variavel d'uma existencia continua e indivisivel, definição vaga d'estados diversos d'um só movimento, sem fraccionamento concebivel nem susceptibilidade de fragmentação e independencia das suas forças. A unidade fundamental dos dois aspectos é perfeita e indestructivel, inconstante na manifestação da energia intima mas homogenea, como a neve; todas as suas expressões no mundo palpavel ou no mundo do pensamento, ethereas ou terrenas, fundem-se e identificam-se por um impulso, — a Aspiração, a transposição e realisação incessante e inalteravel do Desejo em Forma e Vibração.

A areia, a planta, os animaes e as aguas, quanto sentimos e percebemos, caminham

e correm para uma aggregação ou desintegração das quaes resultarão, na esphera da contingencia, o cristal, a flôr, a mulher, a ave, a aurora e a tempestade, de sonho em sonho creados todos e todos dissipados na turbilhão de novos sonhos. Sob a lei de uma harmonia unica, a nuvem de tormenta foi um claro alvôr de madrugada, a arvore foi cristal e amanhã é cinza, e assim mudando jámais erram e se afastam d'aquella Vontade activa e omnipresente perpetuamente, e cujo designio é identico em toda a circumstancia.

O rosto humano, onde porventura imaginamos creação peregrina de belleza, espelho da divindade prohibido a qualquer outro ser, é apenas uma rapida phase, um aspecto transitorio da aspiração.

« As fórmãs dos nossos corpos, as fórmãs e linhas da nossa face, os modos e expressões, o tom da voz — todas as cousas que constituem a nossa exterioridade no mundo, — são, em larguissima extensão o resultado e a expressão d'aquellas emoções e sentimentos obscuros que, nascidos nas cavernas occultas do espirito, gradualmente crescem e se revelam á luz do dia.

« Assim, parece chegarmos a qualquer cousa que podemos chamar a Lei da Na-

tureza, como a gravitação ou qualquer outra lei, — lei significando que dentro de nós ha um movimento continuo do Sentimento para o Pensamento e d'este para a Acção; do interior para o exterior; do vago para o definido; da emoção para a pratica; do mundo dos sonhos para o mundo das cousas actuaes e para aquillo que chamamos realidade. »

« Não é verdade que em momentos de sentimento intenso brilha alguma cousa na face e na figura do homem, que é immediatamente visivel nos que o rodeiam e vivamente real, tão real como a chamma d'uma luz ou immovel como os rochedos? »

« O problema do universo é essencialmente insolúvel sem a admissão d'um factor transcendente — Vontade, Ser, Eu, Quarta dimensão, ou qualquer outro nome que lhe demos. A consciencia ordinaria, forçada a vêr todas as cousas sob a dupla fórma de objecto e sujeito, espirito e materia, não póde fugir a esta dualidade; e todavia, ao mesmo tempo, a sua propria constituição a leva a conceber e affirmar que ha uma outra ordem de ser (não susceptivel de se representar no pensamento) no qual a dualidade se funde em unidade. »

Em toda a forma e em todo o elemento, ou palpavel ou nos pareça inerte, ethereo ou palpavel, ha um deus occulto que a rege ordena e determina, uma aspiração que a modela e dissolve, obedecendo a desígnios inalteraveis, incessantemente creador e harmonico, ainda mesmo quando nos deixe a suspeita da desordem e a illusão do aniquilamento.

II

Lazaro enfermo, succumbido, sangrando dilacerado pelos espinhos da vida d'amar-gura, teu quinhão no revolver dos tempos e dos soes!... Afasta o desalento! Surge e caminha! Volta a tua face para a serenidade perenne d'essa aurora, clarão da consciencia que te prende e te conduz á inspiração d'uma Vontade eterna!

Crê!... Todo o ser é união e toda a união é Amor. A dôr como a alegria é beatitude; é communhão na Harmonia infinita do Senhor.

E, se sentes mortificado o coração, louva o destino que o engrandece e exalta, pois quem muito soffrer é quem mais ama, quem mais ardentemente vive e se eleva.

Não é feliz o lenho que se abraza arrebatado em luz e na pureza?!... A gloria, a suprema visão do paraíso é um incendio d'amor. Offerece-lhe e teu peito!

O Senhor o exalte!...

bibRIA

BIBLIOGRAPHIA

- Rose Kingsley. *The Garden Diary*. Londres; 1904.
- Mary Rowles Jarvis. *The Tree Book*. Londres; 1903.
- E. Key Robinson. *My Nature Note book*. Londres; 1903.
- E. Key Robinson. *The Country Day by Day*. Londres; 1905.
- Rosemary A. Cotes. *Bible Flowers*. Londres; 1904.
- Edward Carpenter. *The Art of Creation*. Londres; 1904.
- George Dewar. *The Glamour of the Earth*. Londres; 1904.
- C. Joret. *Les Plantes dans l'Antiquité et au Moyen Age*. 2 vol. Paris; 1897 e 1904.
- L. Bourdeau. *Conquête du Monde Vegetal*. Paris; 1893.
- A. de Gubernatis. *La Mythologie des Plantes*. Paris; 1878.

bibRIA

INDICE

	Pag.
ADVERTENCIA	VII
A alegria da terra	1
Dias religiosos	5
Escudo da lembrança	11
Entre os ascetas do monte	17
A esmola do Senhor	21
Alvôr da estrada	27
A flôr vencida	31
Cantares das ondas	35
O lethargo da floresta	39
Luar d'agosto	43
Prophetas do mysterio	47
Flores d'indulgencia	51
A flôr viuva	57
Crepusculo d'abril	61
Em erro e culpa	65
A flôr ardente	70
Horas de brandura	73
Irmã do mar	77
O conselho da esposa	83
Extrema-uncção	89
Pio desterro	95

	Pag.
Aguas e ribeirinhas	101
Sorriso de gigantes	109
A flôr dolente	113
A flôr esquiva	119
Os missionarios da steppe.	125
Esperança e morte.	131
Córos nocturnos	135
Sêde de brancura	141
A flôr da graça	145
Os tres imperios da arvore	150
Fachos de gloria	165
Vigilia de mansidão	169
Sorrir de mágoa	175
A flôr na angustia	179
Grito do vencido	183
A flôr escrava	187
Filtros de morte	191
Prophetas da alliança	197
Genios salutaes	201
Virgens fiadeiras	207
Levitas do incenso	211
Seivas de luz	217
Urnas de purpura	223
Lei Suprema	227
<i>Bibliographia</i>	233

N.º	15-3648
Data	6/11/2000
Cota	AV/RS-71

Do mesmo auctor, e em formato igual
ao do presente volume :

Vozes do meu lar, 1 vol.

Na Paz do Senhor, romance, 1 vol.

Reino da Saudade, romance, 1 vol.

Via Redemptora, 1 vol.

bibRIA

NO PRELO :

S. Francisco de Assis

69164

OFERTA



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

José Maria Sarabando Júnior

bibRIA

APOSTOLOS

DA TERRA

bibRIA

JAYME DE MAGALHÃES LIMA



APOSTOLOS
DA TERRA

bib**RIA**



COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

—
1906

Tem apóstolos a terra, interpretes do seu desejo, missionarios gerados do proprio alento, para dizer e propagar o sentir e a esperança que a movem.

Captivaram-me. Segui-os. E orando, convertido e attento á exortação e á prece dos prophetas, pensei traduzir-lhes na palavra o cantico.

Mas agora accordo, — e quanto a fraqueza illude! julgando no fervor do sonho haver transcripto um evangelho, achei que mal alcançára balbuciar o juramento da minha fé.

Porque eu creio na terra, no seu poder de transposição paradisiaca, na felicidade e bemaventurança que ella concede a quem a ama e serve, fielmente, em louvor e culto e humildade.